ARSENIO HOUSSAYE

A VIRTUDE DE ROSINA

ROMANCE

J. d. C. Ho.
Lisboa 18 3/12

TRADUZIDO

POR

ALBERTO PIMENTEL

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4 A
BRAGA

1872

A VIRTUDE DE ROSINA

A VIRTUDE DE ROSINA

ROMANCE

DE

ARSENIO HOSSAYE

TRADUZIDO

POR

ALBERTO PIMENTEL

José Antonio de Carvalho Monteiro
Lisboa 3 de Dezembro de 1872

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4 A
BRAGA

PROLOGO DO TRADUCTOR

Foi pelo estudo das litteraturas que ha um seculo se operou na Allemanha a profunda revolução scientifica de que brotou a moderna philosophia da historia.

«Descobriu-se, diz Taine, que uma obra litteraria não é um simples producto da imaginação, o capricho isolado d'um cerebro escandecido, mas uma copia dos costumes do tempo e a revelação d'um estado do espirito.»

Ser-nos-iam bastantes para base das nossas considerações estas palavras do auctor da *Historia da litteratura ingleza*, se não tivessemos em Portugal alguns claros espiritos que a par e passo seguem o movimento scientifico iniciado lá fóra, e cuja opinião é sobre este ponto acredora de subido apreço.

Um d'estes claros espiritos, dos mais notaveis talvez, é Anthero de Quental, e para nos convencermos mais uma vez de que tambem temos pensadores de portas a dentro, citaremos algumas phrases suas, que frizam ao nosso caso:

«Para logo tambem se tornou manifesta a alta significação das litteraturas, testemunhas desprevenidas e candidas, vindo depôr uma após outra sobre o viver intimo das respectivas sociedades, e denunciando ingenuamente a feição psychologica correspondente a cada povo e a cada idade. A philosophia da historia encontrou n'ellas o instrumento mais delicado e, ao mesmo tempo, o mais preciso, para determinar o grau de valor moral de cada civilisação: na sua mão um poema póde tornar-se, muitas vezes, o ramo d'ouro da sibylla, com que descesse á região dos mortos, a interrogal-os; versos cantados ha mil, ha dous e tres mil annos por poetas desconhecidos, explicaram os movimentos das raças, as origens, os esplendores, as revoluções e as catastrophes dos imperios. (*)

Sob este novo ponto de vista não ha livro,

(*) Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza — 1872.

por mais desvalioso que seja, que se não offereça ao espirito observador como material muito util á grande construcção do edificio dos estudos modernos, e sendo certo que as litteraturas são alicerces indispensaveis para as mais amplas syntheses da philosophia da historia, d'ahi vem que o romance, que parecia ter em geral um valor limitado, se torna poderosa alavanca nas mãos dos novos obreiros.

Chrysalida nascida dos contos orientaes, o romance era simplesmente um producto da imaginação, e só como honesto ou immoral passatempo se discutia o valor da sua leitura.

Deixemos o bispo Huet e outros velhos pensadores empenhados n'essa questão de moralidade ou immoralidade, e vejamos o que é o romance de hoje em relação ao movimento litterario do seculo. O que antigamente se chamava novella póde continuar a sel-o ainda para as damas despercebidas de revoluções scientificas, mas para os que lêem e estudam é uma como philosophia social, onde ficam condensadas muitas revelações ethnographicas, e onde lateja a arteria radial sob os dedos dos philosophos que estudam os phenomenos organicos das litte-

raturas. O romance é portanto o pulso da sociedade; ahi podereis conhecer da regularidade ou aberrações da circulação total.

Posto isto, é notavel a incoherencia d'alguns dos menos comedidos sectarios do moderno movimento litterario, que chasqueam da inutilidade do romance, e perguntam, folheando-o desdenhosamente, como perguntava Laplace, assistindo a uma tragèdia de Racine, — «*Qu'est ce que cella prouve?*»

É para sentir esta incongruencia em litteratos que se ufanam de arvorar a bandeira da revolução, como se alguem lh'a disputasse, e que procuram enfileirar-se, como generaes d'hostes bisonhas, na vanguarda da nova geração.

Duvída pois a gente da capacidade dos generaes, e do successo da batalha, quando assim os vê contradizerem-se em suas mesmas crenças, e precipitarem-se enfuriados sobre os despojos litterarios que pendem das sepulturas d'alguns doutos varões portuguezes, que foram por ventura seus parentes ou mestres de seus pais.

Não será pois surpresa que nos venham perguntar o que fizeram os obscuros homens que se chamam Camillo Castello-Branco, Gomes Coelho, Mendes Leal, Andrade

Corvo, uns ignorantes francezes conhecidos por Balzac, Dumas, Lamartine, Victor-Hugo, Hussaye, Feuillet, e um semsaborão inglez appellidado Dichens, e outros muitos de toda a parte, dos quaes se falla demasiadamente para se suppor que desappareçam em breve no abysmo do esquecimento.

Estes homens escreveram romances, e por tal razão não podem sobreviver aos dez annos mais proximos. É preciso, pois, que os conheçamos para que, corrida uma década, ao cavarmos as ruinas dos incendios, que já se vão annunciando, nos não empedre de surpreza qualquer dos nomes acima postos.

Arsenio Houssaye é um d'estes escriptores que se não confundem com nenhum outro, porque lhes sobra individualidade litteraria. Os seus romances constituem um genero, que plenamente satisfaz o espirito, porque ha n'elles tudo o que a sociedade pode offerecer de variado e profundo. Não se contenta com o sorriso que desponta á flor dos labios e desce ao coração, que muitas vezes encontra envenenado de ruins paixões. É por isso que Philaréte Chasles disse d'elle: «O

seu talento é um sorriso temperado por uma lagrima.»

Se isto não basta, definil-o-emos com as suas proprias palavras, a respeito d'Eugenio Sue: «Em todas as suas obras se revela o ouvido apurado do medico. Toma o pulso a todos os vicios, a todas as miserias, a todas as dores. Estuda os sete peccados mortaes e os mysterios de Pariz; judeu errante do pensamento, atravessa todos os mundos, *o mundo que chora e o mundo que ri*. Irmana-se aos que soffrem, e flagella a insensibilidade dos felizes.» (*)

As alegrias que dão á alma alvoradas de primavera atravessam de repente nuvens melancolicas como as de tardes d'outomno.

O seu espirito possue a extraordinaria flexibilidade dos que nascem predestinados ás lettras, e borboleteia com igual facilidade do romance para o drama, da poesia para a critica. O catalogo das suas obras tem perrexil que farte para todos os paladares. Os que gostam de novellas, e até de novellas historicas, poderão lêr — *La Pecheresse* — *Romans sentimentals* — *Les onze maitresses de-*

(*) *Histoire du 41.me fauteuil de l'Academie Française.* Cap. L.

laissées — La vertu de Rosine — Romans, contes et voyages — Les trois sœurs — La pantoufle de Cendrillon — Les filles d'Ève — Le violon de Franjolé — Sous la Régence et sous la Terreur — Le repentir de Marion — Blanche e Marguerite — e outros muitos que seria fastidioso enumerar. Os que preferem o verso ao romance tambem não ficarão descontentes na bibliotheca d'Arsenio Houssaye; encontrarão — *Les sentiers perdus — La poesie dans le bois* — e *Poëmes antiques*. — Os que antepõem o theatro ao romance e á poesia, preferirão — *Les caprices de la marquise* — comedia em um acto, representada em 1844 no Odéon, e a — *Comedie á la fenetre* — escripta em 1852. Se o numero das suas producções dramaticas é relativamente pequeno, saibamos todavia que a scena francesa lhe deve muito, porque sendo nomeado administrador da Comedie Française em 1849, fez representar as melhores peças de Victor Hugo, Alexandre Dumas, Musset, Madame de Girardin, Sandeau, Ponsard, o que sobremodo contribuiu para a prosperidade d'aquelle theatro em verdadeira decadencia ao tempo da sua nomeação.

Para os que só uzam retouçar o espirito em leituras criticas e humoristicas, poderá Arsenio Hossaye ministrar — *Le voyage á Ve-*

nise—Le roi Voltaire: sa genealogie, sa jeunesse, sa cour, ses ministres, son peuple, sa dynastie, etc.—Histoire de l'art français — Les femmes comme elles sont—Les femmes du temps passé—Rousseau et Madame de Warens —e especialmente—*L'Histoire du quarante e unieme fauteuil de l'Academie française*—em que nos faz assistir á recepção academica de todos os homens illustres da França que a Academia repelliu ou esqueceu, desde Descartes até Beranger. (*)

Finalmente, para os que se recreiam com a leitura ligeira dos jornaes, ha muitos e interessantes artigos de Houssaye no *Constitutionel*, na *Revue de Pariz*, na *Revue des Deux-Mondes*— e principalmente no *Artiste* cujo redactor foi desde 1844 até 1849, epocha em que o nomearam director da Comedie Française. Em 1859 voltou Houssaye á redacção do *Artiste*, e em janeiro de 1861

(*) Este livro não vale só pela originalidade do assumpto; revela um espirito, uma elegancia e uma erudicção, que merecem estudo. É muito para ler-se o prologo, que a todos os respeitos nos parece a primeira pagina original: «Ha livros felizes. O auctor suppunha este destinado a distrair ocios litterarios, e acontece que toda a gente o compra e o favonea. Será para chasqueárem da Academia? Imprime-se, reimprime-se e torna-se a imprimir; é a quarta edi-

tomou parte na propriedade da *Presse* onde dava um folhetim por semana com o titulo de —*L'Histoire en pantoufles*—e com o pseudonymo de *Pierre de l'Estoile.*

O author da «*Virtude de Rosina*» conta hoje 57 annos. Ainda ha pouco assistia em Paris a um banquete dado por Victor Hugo a litteratos francezes. O seu tyrocinio litterario tem pois sido longo e glorioso. Nascido em Bruyéres, em 1815, veio a Paris, como n'esse tempo succedeu a todos os provincianos que nasciam com intelligencia, procurar fortuna.

Estreiou-se em 1836 com dous romances —*La couronne de bluets*— e —*La Pecheresse.* Estas duas novellas denunciavam a maneira do escriptor. Entrado á intimidade de Julio Janin e Theophilo Gautier, auxiliado pela collaboração de Julio Sandeau em alguns livros, facil lhe foi o subir até onde não chegam os

ção em menos de dois annos. Sempre que a Academia elege um immortal mais ou menos desconhecido, quer-se saudar as valiosas figuras da «Quadragesima primeira cadeira», que morreram sem oração funebre. N'uma palavra, sempre que a Academia é injusta, tem o author razão. Receio muito que se acabe o successo da «Historia da quadragesima primeira cadeira»: a culpa será da Academia, ou do publico.»

que muitas vezes dispõem de vontade tenaz. Em 1846, dois annos depois de principiar, deveu á sua —*Galerie de portraits du XVIII siècle*— o ser condecorado com a Legião d'honra, sendo elevado a official da mesma ordem em Julho de 1858.

A politica, que esteve para empolgar o seu gentil espirito em 1848, quando Hossaye sollicitou os suffragios eleitoraes do seu departamento, como candidato do partido democratico, em competencia com Odilon Barrot, que lhe foi preferido, não logrou enerval-o nos ocios do senado, e foi logo no anno seguinte que elle dava um extraordinario impulso ao theatro francez, promovendo a concorrencia entre talentos de primeira plana.

Em 1856 viuvou, e recolhendo-se á sua dor sentiu-se alquebrado d'uma vida assáz laboriosa; despediu-se então da administração da Comedie-Française, creando para elle o governo, pouco depois, o lugar de inspector geral dos museus das provincias.

O romance que hoje damos em versão portugueza appareceu em 1844, se bem que nós o traduzissemos d'uma edição, d'este anno, 1872. Isto depõe eloquentemente a favor do livro.

Arsenio Hossaye revela-se claramente como escriptor na —*Virtude de Rosina*—; está ahi a sua maneira. Não duvida mostrar a nú muitas negruras, tendo porem logo o cuidado de remontar-se em repetidos lances ao ether em que borboleteiam os mais castos sentimentos.

Nada mais singelamente formoso que este livro. Ha n'elle muito da sociedade parisiense emmoldurada n'um elegante quadrosinho. É uma photographia do bairro latino vista por microscopio-stanhope. O estylo desataviado não carece de natural donaire, e a acção corre tão desembaraçada de peripecias tenebrosas, que chegamos sem exforço á ultima pagina.

Ha dentro d'esta novella uma lição muito salutar para espiritos despercebidos de torpezas sociaes.

A virtude adeja como pomba fatigada da solidão do mar, por sobre as vagas espumantes que lhe roçam as azas, e vai sempre alem, atravessando nymbos e salvando abysmos

aparcellados, até que encontra a verdura sombria d'um oazis—a sepultura.

Tudo isto é descripto com tamanha verdade e ao mesmo passo com tamanha delicadeza; Rosina, a pobre ramalheteira, é tão irmã das suas flores, que eu, a tel-o escripto, não duvidaria chamar a este romance — o livro das violetas.

Porto, 1872.

A VIRTUDE DE ROSINA

I

Queixumes da miseria

Amigo leitor — tu, que és verdadeiro parisiense, nado e creado em Pariz — tu, que viajaste na China, que rasgaste os mares desde Berg-op-Zoom até Seringapatam, — tu, nunca atravessaste o Sena, em peregrinação aos desfiladeiros da fortaleza Maubert.

Foi ahi que Rosina encontrou um dia o demonio que a tentou.

A rua das Lavadeiras é uma das tristes ruas d'essa região ignorada onde o anjo das trevas desdobra as suas azas pestiferas.

Por alli divaga, atravessando uma população pittoresca, que se espaneja e assoalha, qualquer homem de carne e osso, — um estudante que vae ao Jardim das Plantas, um provinciano que procura os seus pa-

2

rentes parisienses, ou finalmente a operariasinha que deslisa, ligeira como um gato, quasi sem poisar os pés no chão, desde a tenda onde costuma comprar até á barraca da fruteira, sua fregueza.

Os outros transeuntes são faceis de conhecer: — um ladrão desoccupado que espera monção; uma creança que patinha na agua; uma mulher que tem olhos para vêr mas que macaqueia os cegos na ponte Royal; um trapeiro embriagado, Diogenes moderno, que accendeu a lanterna para procurar uma bodega.

Ha alguns annos, n'uma velha casa d'esta rua sem ar e luz, vivia uma pobre familia originaria da Lorena, que tinha deixado o paiz natal na esperança de melhorar-se em Pariz. O pae, uma vez embarcado em tão perfido oceano, exclamara: *Terra!* mas havia talhado a sorte que elle só abordasse á terra firme do tumulo, sem ter jamais outra taboa de salvação que os seus braços.

Chamava-se André Dumon e era pedreiro.

Levantava-se todos os dias primeiro que o sol, que tractava por companheiro, e esperava que o sol fugisse para dar ocio aos braços.

Com todo este suado lidar apenas ganhava cem soldos por dia, e recolhia á noite com tres francos, — com os quaes tinha de sustentar a familia e pagar o aluguer da casa.

Quando os seios da pobre mulher regorgitavam de leite, bem sabia ella cumprir heroicamente a sua

missão, similhante ao pelicano, que, á mingua de preza, rasga as entranhas para banquetear a prole. Todavia o leite era exhaurido pela avidez das creanças. A familia estava reduzida a pouco e não sabia blasphemar; como que lográra resignar-se.

O pedreiro viu, porem, sentar-se a fome ao limiar da porta.

Até então, os pequenitos, alvoroçados e radiosos, corriam a esperal-o no topo da escada e porfiavam em saltar-lhe aos braços, em pendurarem-se-lhe do pescoço, e agarrarem-se-lhe á mão.

Todos os dias era recebido com este doce cortejo, o bastante para se esquecer de que suára um dia inteiro; então abraçava jubilosamente a mulher.

Sentavam-se á mesa.

Os pequenos ficavam a pé para occupar menos logar; refestellavam-se ordinariamente com um pão que parecia abençoado, com um prato de lentilhas ou com um bocado de carne.

Era certa tambem uma bilha de cidra ou agua-pé, que passava de mão em mão, em roda da mesa.

Comida a ceia, nos dias de frio, accendia-se meia ácha — um fogo alegre que durava meia hora; — depois do que, adormeciam todos, contentes e tranquillos.

Quando fazia bom tempo, descia a familia, menos a creança de peito, ao caes da Tournelle para respirar e vêr o céo. No fato da pequenada, que não

se sabia bem de que era feito, denunciava-se a mão d'uma verdadeira mãe. Toda a gente se admirava ao vêr passar a pequena caravana alegre e risonha, que defrontava denodadamente com a miseria.

Veio porem uma epocha em que a mãe perdeu as forças e o leite. Ella, rosada e vigorosa mulher, que desabrochára para a vida no valle de Meurthe, não pôde resistir a tão obscuros sacrificios. Havia soffrido sem queixar-se, desfadigando-se no sorriso dos filhos.

Foi então que succedeu ser mãe pela oitava vez. Não se queixou ainda; todavia o pedreiro conheceu de si para si que não poderia aguentar-se com tamanho pezo. O que mais o desvendou porem ácerca do futuro que o esperava foi o não vêr os pequenos no topo da escada, quando voltava do trabalho.

Á segunda vez que elles faltaram, descorou, abriu a porta, e entrou sem dizer palavra. As creanças aproximaram-se silenciosamente, como se não tivessem nenhuma novidade alegre a contar-lhe. A mãe voltou-se para esconder uma lagrima.

— Que tens tu? perguntou-lhe André Dumon.

— Nada, respondeu ella tentando sorrir, é que te esqueceste de me abraçar.

O pedreiro levantou-se, foi direito a ella para a cingir nos braços, mas a pobre mulher não tinha enxugado ainda todas as lagrimas.

— E eu? disse Rosina.

O pai abraçou-a tambem.

— Como é bonita! exclamou elle. Ao menos consola-me isto! E eu que lhe queria dar cem luizes d'ouro no dia do casamento!

— Do casamento? murmurou Rosina. Eu sonhei que morreria solteira.

II

Rosina

Rosina tinha a pallida e deliciosa bellesa das parisienses, — os olhos azues velados por longas pestanas negras que são o céo no inferno; a bocca zombeteira como o espirito, mas eloquente como a paixão; o perfil ondulante, que desespera o esculptor, mas que endoidece o namorado.

A pobre rapariga só amava os sonhos da sua idade, como todas as que téem desasete annos; mas como poderia o coração ser alegre, quando os olhos tinham noite e dia o espectaculo da mãe que soffria e velava, do pai acurvado pelo trabalho, de sete creanças que brincavam e que ella sabia que estavam cheias de fome?

Rosina não tinha tempo para rir; desde pela ma-

nhã até á noite pouco mais fazia que cuidar das tres irmãs e dos quatro irmãos.

Era a mestra do rebanho.

A mãe ensinara-a a lêr; ella repetia as lições aos irmãos.

Todavia a mocidade tem tanta vida, que a bellesa de Rosina não desmereceu em tão gelada atmosphera.

Lá vinha uma nuvem, mas a luz pura da primavera desfazia-a. Tinha até momentos felizes, quer se debruçasse á janella a contemplar a immensa cidade onde esperava ter ainda um logar melhor, quer penteasse os seus bellos cabellos setinosos deante d'um espelho quebrado, — que era a unica coisa que lhe fallava d'ella.

Pela manhã, como para principiar o dia, soltava a sua voz limpida e crystallina repetindo as canções dos realejos cujo echo a viração da noite trazia á sua janella, ou alguma antiga trova da Lorena com que sua mãe a embalára em dias mais ditosos.

Á noite adormecia feliz como o viajante depois d'uma trabalhosa peregrinação.

Toda a casa do pedreiro se resumia em uma sala e dois quartos, um dos quaes era de Rosina e das irmãs.

Até nas maiores afflicções tinha este quarto um tal ar de mocidade, que era encanto da visinhança.

Uma saia, uma coifa, um lenço vestiam, aqui, alem, a nudez das traves.

Os dois leitos alvejantes revelavam um não sei que d'innocencia e simplicidade que alegrava o coração; a janella, quando se abria, tinha por horisonte uma nesga de céo; finalmente, quando Rosina lá estava, e pela manhã soltava a sua voz, penteando os bellos cabellos, seu unico adorno e riqueza, não seria o mesmo que vêr a mocidade em pessoa?

Rosina adivinhava Paris por instincto, porque só de longe a tinha visto. Apenas uma ou duas vezes, em dias de festa, havia acompanhado o pai ao interior da grande cidade.

Á noite adivinhava-lhe todos os esplendores feericos.

No dia seguinte, a triste monotonia da rua das Lavadeiras fazia-lhe lembrar todas as riquezas parisienses.

A serpente, a que tenta sempre as mulheres, tinha-lhe desdobrado sob os olhos deslumbrados vestidos de seda e velludo; ella conhecia pois as rendas de Flandres; o ouro, que prende a mulher pelo dedo e pelo braço, feito annel ou bracelete; os diamantes, que são como uns olhos por onde espreita a tentação.

«Porque vivo eu n'umas aguas-furtadas? perguntava-se a si mesma. Quando offendi eu a Deus, para que me condemnasse a viver enclausurada e escravisada, deixando passear insolentemente os sete peccados mortaes cobertos de esplendores?»

E a serpente respondia-lhe: «Deixa teu pai e tua

mãe, desce essa tenebrosa escada, atravessa ligeira, como tu sabes andar, toda a cidade; eu te levarei ao banquete onde se canta e se ri; a arvore da vida tem fructos doirados para ti como para as mais.»

Rosina comprehendia vagamente que teria de dar a honra e a virtude para comprar um logar á mesa do festim; indignava-se, arrastava com coragem as pesadas cadeias da miseria.

III

A ultima gota de leite

A ceia correu grave e triste.

Apenas as creanças comeram; n'essa noite não se foi passeiar ao caes da Tournelle.

No dia seguinte André Dumont pediu augmento de salario. Como não tinha ceiado na vespera, fallou com certo azedume. O empreiteiro, que acabava de fallir, respondeu duramente. O pedreiro pegou na ferramenta e procurou outro patrão.

Quando a desgraça persegue um homem, não o larga tão depressa.

André Dumont esteve tres semanas sem trabalho.

Era preciso procurar recursos no Monte de Piedade.

Em cada dia d'essas tres fataes semanas, as peque-

nas boccas côr de rosa, agora desbotadas, que d'antes se abriam em chilidos para o pai, apenas se descerravam a uma palavra infernalmente terrivel: «Tenho fome!»

O quadro de Prudhon, *A familia infeliz*, uma obra prima de resignação no desespero, podia então meditar-se todos os dias em casa do pedreiro.

Como as creanças de Prudhon, os filhos do pedreiro, por mais esfaimados que estivessem, tinham não sei que vivacidade nos olhos e que sorriso nos labios, atravez das lagrimas, que admirava a gente!

A pobre mãe, apesar das suas vigilias, não logrou desempenhar a roupa branca que tinha no Monte de Piedade.

A Virgem sentiu as dores do parto n'um presepe, onde havia calor; a mulher do pedreiro experimentou-as n'uma agua-furtada, sem lume nem faixas.

Todavia resistiu; encontrou ainda nos peitos inconsistentes uma gota de leite para amamentar o recem-nascido.

IV

As tentações do bairro latino

Uma manhã sahiu Rosina a comprar fructa.

Dil-a-hieis vestida pelo amor de Deus: uma ligeira saia verde, um corpete de fustão branco, chinellos á Cendrillon, que não resguardavam nem a brancura nem a delicadeza do seu pé nú. Dois tufos ondulantes de cabello deixavam-se açoitar pelo vento sobre as faces e quasi lhe velavam os olhos profundos como o céo.

Estava encantadora assim, em todo o esplendor dos seus desesete annos.

Um estudante alto e loiro, que a tinha visto sahir, como dryada, d'uma sombria alea, seguiu-a passo a passo, absorvido n'aquella graça tão moça.

Uma carroça d'hortelão deteve Rosina na passagem

entre duas portas. Muito naturalmente, parou tambem o estudante. Ella viu-o e corou.

—Menina (era a primeira vez que lhe chamavam *menina*) vai de certo perder-se no caminho se desprezar a minha companhia.

Rosina não respondeu, mas não se julgou escandalisada.

— Menina, tornou o estudante com olhar mais chammejante, o que é que prova a vida? A morte. O que é que prova a morte? A vida. O que é que prova a vida e a morte? O amor.

A carroça ia desempecer o caminho; o estudante abeirou-se de Rosina e apertou-lhe a mão.

—Senhor, eu não tenho intelligencia para lhe responder.

—Menina, o primeiro signal d'intelligencia n'uma mulher está na sua figura; o ultimo, no seu coração.

—Senhor...

A voz de Rosina expirou-lhe nos labios.

—Ainda uma palavra, menina. Quer aquinhoar da minha felicidade d'estudante? Duzentos francos por mez,—foi hontem o primeiro dia do mez,—um quarto alegre com um leito, um passeio ao *Cerrado dos Lilazes* duas vezes por semana, um bonito chapeu azul-congorça para resguardar esse delicado perfil, um vestido de seda azul, um collar de perolas do Rheno, botinhas para calçar-se á Cendrillon. É pouco, mas, com o coração de Edmundo, é tudo. Se soubesse

como se vive feliz, perto do Pantheon, na rua de la Harpe, n.º 50!

A carroça abalára. Rosina, impressionada por estas palavras, que não comprehendia bem, soltou a mão, e fugiu.

O estudante conheceu que não tinha sido feliz; todavia não desistiu, e seguiu-a com a vista. Rosina comprou a fructa e retrocedeu cravando n'ella os seus bonitos dentes.

Elle esperava-a resolvido a dar segundo assalto. Mas Rosina, para evitar novo encontro, entrou de través n'uma barraca, d'onde apenas sahiu cinco minutos depois, ainda muito sobresaltada.

O estudante tinha desapparecido. Em vez de se melindrar com aquella sem-cerimonia verdadeiramente escolastica, Rosina gostou que elle lhe dissesse, com certo tom de convicção, que era bonita.

Entrando no seu pequeno quarto, mirou-se ao espelho vinte vezes lamentando ter sahido com os cabellos em desordem.

— Se eu o tivesse seguido! murmurou ella corando.

E rememorou o quadro da vida do estudante, em que desde logo se emmoldurou, com um vestido de seda, — um vestido de seda azul! — dizia ella pulando; — um chapeu, — um chapeu com flores! continuou, contornando o seu bonito perfil com as mãos que o trabalho não tinha ainda calejado.

E chamou á imaginação quanto havia de deslumbrante no bairro latino.

Viu-se suspensa dos braços do estudante, arranjando e desarranjando o pequeno quarto da rua de la Harpe; pela manhã, abrindo a janella para respirar a felicidade e regar algum vaso de jacynthos ou vervenas; á noite, seroando ao fogão, pospontando os punhos d'uma camiza, ou fazendo, com menos cuidado, uma touca para dormir.

—Mas á noite?... disse ella de repente. Este pensamento despenhou-a do alto de seus sonhos, e sentiu, corando, que lhe arfava o seio com as pulsações do coração.

E que bonito seio, que nem ella tinha analysado até esse dia!

V

Como a mãe salvou a filha

Em frente da casa de André Dumon, morava n'uma barraca, que um trapeiro graudo engeitaria, um velho ainda fresco.

Chamava-se elle o snr. Mahomet, e havia enriquecido no commercio e na usura; foi conhecido durante meio seculo, como horticultor e usurario, na rua Monffetard.

Tinha arrumado bem os filhos: a filha com um tabellião da provincia; o filho com a viuva d'um banqueiro. Quanto a elle, retirado do negocio com seis mil libras de renda, contentava-se com uma vida obscura que lhe permittia fazer ainda economias. Se morava na rua das Lavadeiras, era porque o predio era seu e não tinha quem lh'o alugasse.

Uma mulher, que elle chamava criada, governava a casa. Certa noite morreu de repente a criada. O snr. Mahomet pareceu por muito tempo inconsolavel. Procurou porem distrahir-se; começou por chamar a casa a mulher do pedreiro.

—Sabe, snr.ª Dumon, a desgraça que me aconteceu? A snr.ª tem uma filha muito interessantinha; quer, sem preambulos, que ella venha viver para a minha companhia? Eu darei casa a todos, sem fallar em cincoenta francos mensaes.

—Não, senhor, respondeu a Dumon retirando-se.

Á noite o pedreiro recolheu mais tarde que de costume. Estava-se no principio de janeiro; um ar espesso penetrava por toda a parte.

As creanças, pallidas e famintas, encostavam-se umas ás outras, meias adormecidas, á beira de duas áchas que ardiam a custo no lar mais soturno do mundo; a mãe preparava a ceia,—uma ceia para dois, e elles eram dez!—Rosina acabava de provar um corpete a uma das irmãs. Um morno silencio respondia ao estampido do vento.

O pedreiro entrou sacudindo a neve que lhe cobria a cabeça, os braços e os pés.

A mulher sahiu-lhe ao encontro.

—Anda cá, assenta-te. Eu estava afflicta. São quasi oito horas; ja estão todos a dormir.

—Não os acordes, disse André Dumon, como quem está inquieto; o somno tambem é sustento.

Mas como a pobre mulher tilintasse involuntariamente com os pratos, todos os pequenos abriram os olhos.

—Tenho fome, apostrophou um.

—E eu, acrescentou outro, sonhei que comi uma lebre.

— Vocês jantáram, redarguiu a mãe.

E como lhe acudissem lagrimas aos olhos, os pequenos, ao vel-as, olháram para ella com muda surpreza.

—Não, replicou a boa mulher, não acrediteis no que vos disse ; emquanto houver uma migalha de pão, será para repartir comvosco.

Rosina não comeu; recolheu se ao quarto e não dormiu ; toda a noite ouviu fallar o pai.

—Oh! a miseria de Pariz! dizia André Dumon, lembrando-se da sua aldeia reclinada á beira do Meurthe.

Em Pariz a miseria é mil vezes mais sombria que na mais sertaneja povoação. Quando ha um raio de sol que illumina o caminho, uma arvore que offerece sombra, uma fonte que dessedenta o caminheiro, parece que se tem ainda as forças da mocidade para arrostar com a pobreza.

O sorriso do ceu e da natureza como que descem ao coração de quem trabalha.

Vê-se Deus a cada passo, e pensar em Deus é ter esperança.

Mas em Pariz, n'esses antros que parecem feitos para os forçados, onde não luz o sol, nem as janellas vêem o ceu, nem a andorinha vem pendurar o ninho, a miseria é a imagem da morte, aninha-se no lar, senta-se á beira do catre, preside ao banquete de Lazaro.

É a miseria de Satan.

— E quando me lembro, disse de subito a mãe, que se Rosina...

O pedreiro, esmagando todos os seus receios e angustias, repelliu com selvagem azedume as criminosas esperanças da mulher.

— Nunca! nunca! trovejou elle bracejando. Tenho ainda a força precisa para defender a minha famillia da fome, do frio e da deshonra.

Rosina, que do seu quarto ouvira tudo, sentiu-se desopprimida, ajoelhou e agradeceu a Deus a resolução do pai.

— Eu bem sei, disse a mulher, que tu nos salvarás á força de trabalho, mas morrerás de cansaço.

Pela manhã, o pedreiro sahiu para o trabalho, e Rosina, com ar melancolico, abriu a porta do quarto. Acudiu a fallar-lhe a mãe, mas as creanças, que ainda mal tinham aberto os olhos, começaram a chamal-a em altos gritos.

Então tremeu a pobre mulher com a lembrança dos tristes dias d'inverno que iam atravessar.

— Será precizo, — exclamou ella olhando para Rosina, que por tua causa deixe morrer á fome todos os outros?

Se amava tanto Rosina!

—Não, não, proferiu colhendo-a nos braços, não o devo fazer!

E escondeu as lagrimas nos cabellos da filha.

—Vai, vai, mando-te eu. É Deus que me inspira. És bonita, és intelligente, Deus te levará pela mão. Não fiques aqui, onde não se póde fugir á desgraça. Um dia nos tornaremos a vêr.

Tomando a filha pela mão, encaminhou-a á escada.

—Adeus! murmurou com voz sumida.

Rosina comprehendeu. Voltou atraz para se vestir, e pouco tempo gastou com isso. Depois correu a abraçar os irmãositos.

—Pedirei pelo pai, soluçou Rosina.

E, commovida, desceu rapidamente a escada, como se obedecesse a uma voz suprema.

—Onde vou eu? perguntou a si mesma, mal que se viu na rua.

Atravessou o caes da Tournelle parecendo-lhe vêr ainda diante de si a mãe, quazi louca, que ao mesmo tempo a queria perder e salvar.

O pai de Rosina, filho e neto de soldado, comprehendia o que era honra, e morreria por ella; — toda a sua gloria consistia n'uma cruz ganha pelo avô.

Era um simples pedreiro, era, mas tinha um nobre coração, um espirito claro, uma grande alma.

Havia lido pouco, mas sabia bem o que eram acções illustres; o heroismo, a sublimidade despertáram n'elle a dignidade humana.

A pobre mulher, que não via tão longe, que estava mais em face da miseria, que mais d'uma vez deixára resvalar uma lagrima aos labios da creança que amamentava, não calculava que o abysmo do mal fosse tão profundo.

Se tivesse Rosina ao pé de si, talvez acabasse um dia por atiral-a n'um momento de desespero aos braços do visinho Mahomet.

VI

A Harpia

Quando Rosina chegou á ponte de Notre Dame, deu de rosto com uma ruidosa e variegada multidão que fazia circulo a uma cantora ambulante, que se acompanhava a harpa.

Dos espectadores, os que a conheciam mais de perto chamavam-lhe Harpia.

Era uma mulher gasta pelo tempo e pelas paixões, sobretudo. Tinha apenas trinta e cinco annos, e davam-se-lhe, á primeira vista, cincoenta.

Estava secca e cançada ; todavia agitava incessantemente os seus enormes braços e as suas enormes pernas como um endemoninhado ou como um moinho de vento. E realmente, era um moinho de palavras.

Não obstante, tinha ainda um não sei que no olhar e no sorriso, que revelava uma vida melhor.

Nos seus tempos felizes dançára na Opera. Do ceu da Opera desceu ao inferno dos theatros secundarios; finalmente, de queda em queda, achou-se no meio da rua, com uma voz extenuada e uma harpa d'occasião.

De dia, ia ganhando a vida com as suas galanterias sediças e as suas canções sentimentaes. Á noite dormia onde Deus queria. Habitára durante seis semanas, entre as duas epochas em que é costume pagar os alugueis, na mesma casa em que morava o pedreiro. Encontrando algumas vezes Rosina na escada e na rua, tinha pensado em arrastal-a á vida libertina.

Rosina, que nem siquer dava ouvidos á canção, seguia seu caminho quando um soldado e um vagabundo, que estavam deliciados no meio d'aquella desbocada e desenfadada multidão, lhe serviram de barreira. E n'um abrir e fechar d'olhos, foi-se juntando gente, de sorte que não pôde romper nem recuar. Resignou-se a ser do auditorio. Então reconheceu a harpista, que tambem a reconheceu a ella, notando, porém, que Rosina estava profundamente triste. Depois de ter recebido alguns soldos dos espectadores, a mulher da harpa tomou Rosina pelo braço e violentou-a a entrar n'uma taberna proxima, procurando arrancar-lhe o segredo da sua tristeza.

— Não tenho nada, respondeu Rosina.

— Rios de lagrimas! Não tarda muito que sejam rios de diamantes! Olha que as não vás perder! Eu, quando choro, é porque tenho sede ou porque comi cebola.

A Harpia bateu na mesa para chamar a taberneira.

— Vamos debicar. Dê-me cebola emquanto se faz horas para o banquete; a cebola abre o appetite, disse ella com a sua phraseologia delicada.

E encheu os copos.

— Bebamos! Emquanto vai cahir um aguaceiro, tomemos nós um raio de sol. Contra mau tempo, bom vinho.

— Não gosto de vinho, disse Rosina.

— Tolices! Eu já me deixei d'isso; era bom quando tinha cinto dourado. Agora visto-me nos ferros-velhos. Um cinto dourado vale mais que ter bom nome. Bebamos! é assim como se acorda em Argenteuil.

Rosina recusou beber; a harpista esvasiou ambos os copos.

— Anda moiro na costa? O teu namorado trahiu-te? Ou querem-te fazer o ninho atraz da orelha?

Rosina exclamou:

— Namorado! Pensa lá o que diz!

— Minha querida, tu não sabes ainda que o melhor namorado não vale um caracol. Eu tive-os de todas as castas, — a pé e de carruagem. Estive na Opera no tempo de Taglioni. Procurei variar o quilate dos meus amantes e todos me sahiram falseados.

Chorar, chorava ás vezes, é certo; mas era como se cantasse!

E começou a cantarolar: *Adeus, minha linda barca!*

A linda barca era a mocidade, que já ia longe, levando d'envolta as paixões fogosas.

— Olha, tem confiança em mim, minha amiguinha, apostrophou a Harpia, tomando a mão de Rosina; papagueemos um bocado e dize-me porque choras.

Rosina contou ingenuamente, a um canto da taberna, como tinha saido de casa.

— Encontro-te a proposito; se quizeres contar comigo, dar-te-ei casa, comida e de vestir.

Isto dizia ella cada vez mais fascinada da belleza de Rosina; assentava de si para si que, com similhante ajuda, poderia tirar boa receita todos os dias.

— Eu sou a tua Providencia, proseguia a Harpia. Sem mim, que farias tu? Não sabes nada. Só se desses em vender fructa ou lumes promptos.

— Eu? disse Rosina, afugentando os seus pensamentos. Antes quereria vender fructa no mercado que andar a cantar pelas ruas.

— Viva, senhora fidalga! Tu mudarás de pensar. Ainda assim, quero levar a minha bondade até pôr-te loja. Quero estabelecer-te por minha conta e risco, porque me inspiras confiança. Tenho com que comprar um cabaz e uma molhada de violetas. Desde o inverno que falta uma ramalheteira na ponte de Change. Está tractado. Vamos ceiar aqui. Eu vou depois can-

tar nos cafés do bairro. Tu, se não quizeres vir, podes ir deitar-te lá em cima, que eu te pagarei a cama. Dentro em duas horas estou de volta. Faze o que te digo; não queiras ser ingrata ao destino. Olha que te não has-de arrepender.

Rosina não atinava com resposta. A harpista mandou vir pão, presunto e uma garrafa de vinho. Rosina recusou comer, a principio; mas havia tanto tempo que não tinha tão esplendido banquete, que, finalmente, se deixou vencer, rebellando-se contra a fome.

— Agora, disse a harpista levantando-se para sahir, vou dar uma volta por perto; espera-me aqui, ou sobe lá para cima. O taberneiro te dirá onde é que eu durmo.

— Eu esperarei que venha, respondeu Rosina, por não saber o que fizesse.

Deixou-se ficar meia hora sentada á mesa ainda posta, absorta em tristes meditações. De repente, levantou-se e sahiu da taberna.

Seguiu, impellida por um doce convite do coração, o caminho da casa paterna. Mas, quando já estava perto, faltou-lhe a coragem.

— Não, não, disse ella, entrarei quando lhes poder levar dinheiro.

E voltou á taberna. A harpista estava deitada e fumava na cama.

— Ah! és tu! disse ella. Bemvinda. Eu contava

comtigo. Queres tirar uma fumaça? Amanhã te estreiarás na ponte de Change. Anda-te deitar.

— E a cama? disse Rosina timidamente.

— A cama? E a minha? Deus louvado, eu não sou de tantas cerimonias. A menina dormia em cama de rosas, decerto!

Rosina olhava com desespero para esse velho leito, que não tinha á cabeceira nem um ramo benzido nem a imagem de Nossa Senhora; — leito d'hospital e de taberna, que dava vontade da gente dormir sobre palhas.

— Se o travesseiro estiver baixo, faze como eu, proseguiu a Harpia, mette debaixo a tua garrafa.

— Que garrafa?

A Harpia tirou uma de sob o travesseiro.

— Está aqui. Isto é o que se chama o paraiso, para depois recomeçar o inferno. Quando adormeço, bebo. Para que ha-de a gente deixar parafusar a razão?

Rosina, que não sabia nada da vida, deitou-se, vestida e quasi resignada, no leito da Harpia. Mas antes de adormecer pensou que, sob o céo de Deus, haveria decerto creaturas mais dignas que a mulher da harpa.

VII

O capital d'uma ramalheteira

—Desaninhemos, minha querida. A aurora vai arregalar os olhos vermelhos, disse a Harpia acordando Rosina ao amanhecer.

Desceram ambas ao caes. Rosina silenciosa e resignada ; a harpista palreira como pêga, procurando instillar lento veneno n'aquelle virginal coração, que só com os seus nobres instinctos se poderia defender.

Atravessaram a Cité para comprar violetas no caes das Flores.

As compras não levaram muito tempo a fazer. Por cem soldos, ficou pertencendo á harpista um cabaz, um molho de violetas, outro de folhagens, e um novello de linha, tirante um distinctivo de metal que lhe emprestaram.

Depois acompanhou Rosina á ponte.

— Aqui está o teu logar, disse-lhe ella com ar victorioso. Tens uma bonita voz; basta fallares para fazeres flores. As cotovias teem que te invejar. Que os teus ramos sejam bonitos e feitos... de nada, porque todos preferirão os teus sorrisos ás tuas flores.

— Eu só quero vender ramos, respondeu Rosina entre digna e ingenua.

— Vamos, não te inquietes. Aquece as mãos, e passeia d'um lado para outro, porque faz frio. Eu cà vou por esse mundo como o judeu errante, e sem saccola como elle. Á noitinha, venho buscar-te para ires ceiar com os meus cinco soldos. Mas não te esqueças que eu te dotei com um capital que me deve render cem soldos por dia.

Isto disse a harpista e affastou-se, pensando talvez n'um futuro esplenduroso.

Rosina, quando se viu só, respirou mais livremente. Desemmolhou as violetas e a folhagem, cortou a linha com os dentes, nevados e pequenos, e fez o primeiro ramo. Então começou a achal-o bonito — havia tanto tempo que morria por comprar uma flor! — e chegou até a esquecer-se de que o fizera para o vender. E, de fascinada, pol-o ao peito.

Jámais mulher alguma festejou com maior jubilo um collar de diamantes. Rosina, contemplando as violetas, sentiu bater docemente o coração, e um sorriso lhe adejou nos labios.

— A felicidade deve conhecer as violetas! murmurou ella.

VIII

Como um estudante loiro colheu o primeiro ramo de violetas

Ainda Rosina estava enlevada no seu primeiro ramilhete, quando um rapaz alto e um pouco desconjuntado, com certo garbo cavalheiresco, se deteve deante d'ella, vascolejando na algibeira.

—Formosa ramalheteira, dá-me um ramo.

—Não o tenho ainda prompto, respondeu Rosina corando, sem ousar levantar os olhos.

—Pois bem, esperarei. Vale a pena esperar sendo a ramalheteira tão bonita. Mas porque me não dá esse ramo?

Disse o rapaz, tocando levemente no corpete de Rosina. Ella, de agastada, levantou os olhos.

—Ah! é o snr.! exclamou com surpresa.

E, corando mais, suspirou; as violetas que tinha na mão, cahiram-lhe.

Acabava de conhecer o estudante da rua de la Harpe.

—E não me conheceu ainda! pensou ella.

O certo era que o estudante quasi se havia esquecido d'essa encantadora visão, que o detivera e fascinara na rua das Lavadeiras.

Todavia, mal que Rosina levantou os bellos olhos avelludados, reconheceu-a tambem.

—Que feliz encontro! Nós já somos amigos velhos; e por tal razão não me pode negar esse ramo...

Disse, fazendo menção de lh'o arrancar do seio.

—Espere, replicou ella com um sorriso encantador.

Tirando por sua mão o ramilhete, offereceu-o ao estudante.

—Que perfume de mocidade! apostrophou elle levando-o aos labios e depondo uma moeda de cinco francos sobre o cabaz.

—Adeus, continuou, affastando-se, ou antes, até á vista, porque eu passo muita vez por este sitio, que vai ser d'hoje em deante a minha *ponte dos suspiros*.

E retrocedeu, sem se importar com os curiosos para quem tudo isto não passára d'uma comedia.

—Olhe que vai morrer de frio aqui. Que diabo! quem se lembra de ser ramalheteira em janeiro? Eu não tenho o veso de raptar mulheres; todavia sabe que lhe offereço o meu humilde quarto e o meu co-

ração na rua de la Harpe, n.º 50, *hotel* de Pariz. Pergunte por Edmundo La Roche, idade vinte e tres annos, quasi snr. doutor, — n'uma palavra, um homem serio.

— Se continuar a fallar-me assim, não lhe venderei mais violetas.

— Mas dar-mas-ha. Adeus!

D'esta vez, Edmundo La Roche não retrocedeu, mas antes de perder de vista Rosina, voltou-se para lhe dizer adeus com a mão.

A gentil ramalheteira, que tinha deixado ir os olhos após elle, não pôde ficar indifferente, e correspondeu com a cabeça.

Sentiu-se então espiritada para o trabalho por não sei que intima alegria.

Tinham chegado para ella as alegrias do amor.

Trabalhando nos seus ramilhetes recordava palavra a palavra o que lhe dissera o estudante.

Via-o a todos os instantes, com a sua capa á hespanhola, cavalheiresca e descuidadamente traçada sobre o hombro, com os seus loiros cabellos desgrenhados, com o seu espesso bigode, com a sua phisionomia um pouco severa, que toda se abria em alegria expansiva quando fallava d'amor.

— Se eu me atrevesse! dizia ella suspirando.

Estava atando o terceiro ou quarto ramilhete, quando appareceu outro comprador — tambem estudante, com uma mulher pelo braço. Iam descuidosa-

mente pela cidade, em toda a liberdade da mocidade e do amor. Elle tirou do bolço um soldo, deixou-o cahir na mão da ramalheteira, e escolheu com desplante o seu ramilhete.

— Aqui tens, Indiana, disse elle á braceira, o teu ramo de noiva,

— Depois do noivado, respondeu Indiana.

Rosina não comprehendeu.

— De que será — perguntou-se ella — que este rapaz não me agradou como o outro?

Edmundo La Roche tinha por si muitas circumstancias. Fôra o primeiro, estava desacompanhado, e não lhe deixára escorregar á mão um soldo.

— Ainda bem — pensava ella — que me não pagou o ramo!

E ainda a ultima palavra lhe roçava os labios, quando, remexendo as violetas, encontrára a pequena moeda d'ouro.

— Oh! meu Deus! murmurou empallidecendo, não lhe tornei a dar o dinheiro! Como ha de ser?

Depois de ter reflectido um instante, calmou-se sorrindo:

— Eu bem sei que elle volta, e por isso...

Na extremidade da ponte viu ainda o outro estudante e a braceira, que foliavam em pleno mercado, ou porque a alegria os dementava, ou porque, estando de roupa leve, queriam promover a reacção.

— Onde irão elles assim? perguntou-se Rosina. É-se decerto feliz não se vivendo só.

Deliciava-se n'estes devaneios do coração, quando a harpista a chamou com a sua presença á realidade apresentando-se deante d'ella como um credor implacavel, que nem siquer deixa acabar o praso do vencimento.

— Olá, senhora primavera, quantos ramos tem vendido?

— Dois, respondeu Rosina tremendo; e apenas me pagáram um.

A mulher da harpa corou de surprehendida.

— Tu és tôla! Se eu tivesse vinte annos como tu, e um palmo de cara assim, teria já vendido e revendido todas as minhas violetas. Mas tu pareces uma estatua; se nem mostras os dentes! Assim como assim, mais vale tel-os feios. Ri a gente, papagueia, canta e vai enganando o mundo.

— Eu conheço que não arranjo vida com isto, disse Rosina com orgulho; guarde o seu cabaz.

— Depois de tantas despesas! Tu estás ao meu serviço, e has de fazer o que eu te mandar.

E sacudiu violentamente Rosina. A pobresinha desapertou a fita velha que prendia o cabaz, e soluçou:

— Aqui está o que é seu. Eu não pertenço a ninguem.

O cabaz cahiu. A harpista enfureceu-se, e Rosina, retranzida, deitou a fugir sem saber para onde.

IX

Eschola de costumes

A que porta, n'esse bairro libertino, bateria Rosina? Foi-se deixando ir, como impellida pelo vento, até que defrontou com a fachada de Notre-Dame. Docemente instigada pelo coração, entrou ao templo, e foi ajoelhar-se diante do altar da Virgem, implorando protecção.

Aqui, ao menos,—pensava Rosina — estou na casa de Deus; não tenho nada a temer. Vive-se aqui ao abrigo de todas as más paixões. Quem ama a Deus está seguro na igreja.

E mais se afervorava na oração, quando improvisamente surge uma velha a reclamar dous soldos.

— Dous soldos! exclamou Rosina surprehendida.

— Sim; as minhas cadeiras custam dinheiro.

— Mas eu não me sentei; veja bem que estou de joelhos.

— Não importa; o caso é que está ajoelhada deante d'uma cadeira.

— Ó meu Deus! soluçou Rosina, cuidei que para rezar a Deus não era preciso pagar.

— Não tem dinheiro, não?

— Não tenho.

— Vagabunda! aqui não é o seu lugar.

Rosina levantou-se e ía a sahir.

— Uma lembrança! apostrophou a velha, abeirando-se d'ella.

— Ora ouça, filha, eu não sou tão má como pareço. Quer ouvir-me um conselho?

Rosina deteve-se perplexa.

— A menina é bonita, proseguiu a mulher das cadeiras. Cara como a sua, é para ser vista por gente. Ora acontece que eu tenho uma filha que precisa d'uma creada de sala. Eu receio que a menina não saiba fazer nada, mas mais uma razão para se entender com minha filha, que nada faz. Vá procural-a; chama-se madame de Saint-Georges, rua Bréda, n.º 10.

— Talvez vá, respondeu Rosina sahindo.

E promettendo a si mesma não se tornar a lembrar do conselho da velha, foi-se dirigindo, segundo as suas recordações, e perguntando o caminho, quando ellas lhe faltavam, á rua Bréda.

Parando deante da casa indicada:

— Quė me póde acontecer? segredou-se tremendo. Se me não der bem, procurarei outro rumo.

Entrou, pois, e perguntou por madame Saint-Georges. Subiu ao segundo andar, e vibrou com mão tremula a campainha. Veio abrir, com visivel enfado, uma mulher, que, vendo Rosina, fez menção de fechar a porta.

— Venho aqui de mando da mãe da senhora, disse Rosina.

— De minha mãe? Qual? Eu fui trocada na ama.

— Pois foi a mãe da senhora que me disse que precisava de criada.

— Ella está tola, e você tambem.

Mademoiselle Georgina, outras vezes madame de Saint Georges, desatou a rir. Achando gracioso o episodio, tomou Rosina pela mão, e guiou-a á sua camara, onde um rapaz se recreava atirando rosas, com certa gravidade comica, a uma rapariga da Opera, que se dava ares de sylphide, queimando uma cigarrilha.

— Isto é mais que engraçado! apostrophou Georgina, entrando. Minha mãe manda-me uma criada de sala.

— Dir-se-hia uma figura de Greuze, replicou o rapaz. Só lhe falta uma bilha para quebrar. Eu acho razão a sua mãe.

Rosina, que subitamente tomou a côr rubra da cereja, queria sahir; Georgina deteve-a.

— Que criança! Nem siquer sabe ainda rir!

—Não sei, não, minha senhora.

—Pois olhe que para chorar ha sempre tempo.

Georgina, que não era bella, tinha certo fanatismo pela belleza. Pareceu-lhe que lhe traria felicidade a companhia de Rosina. Foi-lhe mostrar o seu toucador, e abriu um grande armario onde estavam em desordem vestidos de todas as cores e feitios.

—Olha, disse ella, revolvendo essas reminiscencias do passado, escolhe e veste-te; depois veremos.

Rosina ficou só, entre deslumbrada e receiosa, no meio d'esses velhos esplendores.

—É decerto uma duqueza! murmurou cada vez mais admirada.

E olhou em redor como para certificar-se de que estava completamente só.

Ao mesmo tempo viu-se retratada em tres ou quatro espelhos.

—O que é certo, murmurou aproximando-se do primeiro cabide, é que eu não faço mal a ninguem.

Tirou o primeiro vestido que encontrou. Tentou vestil-o e não lhe custou isso muito. Mal se viu assim entrajada, e reproduzida no espelho, achou-se mais bonita que nunca. Era um vestido de seda, uma obra prima de Palmyra. Tornando-se flexivel como a cana, subiu a uma cadeira, inclinou o pescoço, e cruzou os braços sobre o peito na attitude d'uma virgem; para dizer d'uma vez, dentro d'alguns segundos recebeu uma proficua lição de elegancia.

— Ah! exclamou pesarosa, se o estudante da rua de la Harpe me visse assim!

E em tão arroubados enlevos pareceu-lhe que lhe não ficava bem a sua pequena touca, a pobre e querida touca que bordára nos tristes serões do ultimo outomno! Atirou-a fóra, e substituiu-a por um pente de tartaruga, que a namorára. Penteou-se fascinada; jámais se sentira tão feliz ao acofiar os seus bellos cabellos.

Georgina veio surprehendel-a.

— Que tal, rapariga? Santo Deus, como estás bonita!

Esta exclamação soltou-a involuntariamente Georgina.

— Acha, senhora? perguntou Rosina perturbada. É do seu vestido...

— Que bonitos cabellos! Anda assim ao meu quarto.

— Não, não, contestou Rosina com pejo, como se receiasse mostrar-se tão formosa.

Georgina arrastou-a porém sem grande resistencia e entrando ao quarto:

— Olhem que metamorphose! exclamou.

O rapaz ergueu-se deslumbrado.

— Só falta uma moldura doirada a tão encantador perfil.

— Acautele-se, que lhe não vão roubar a criada.

— Roubar-me! repetiu Rosina.

— Não façasʼ caso do que elle diz.

— Pois ainda se roubam as mulheres? chasqueou a dansarina, que tinha quasi queimada a cigarrilha

— Então não me roubaram a mim? replicou Georgina com hombridade.

— É verdade, replicou a outra, n'um omnibus que ia da Opera para o Odéon. Lembro-me bem; eu era do rancho. E mais não tinhamos a belleza de Rosina.

— Vamos, Olympia, respeita-me deante dos meus criados.

— Teus criados! Tu pensas que esta bonita rapariga será tua criada?

— Sim, minha senhora, respondeu Rosina com inflexão de altivez; eu servirei de muito boa vontade a snr.ª de Saint-Georges.

— Não quero contrariar uma rapariga tão decidida; mas não lhes dou dois dias para viverem juntas.

— Não faças caso, que está louca, observou Georgina encaminhando a filha do pedreiro á sala do jantar. Aqui está um cesto cheio de miudezas; pega n'uma agulha, e trabalha como fada que és.

Dito e feito. Rosina começou logo a fazer uma costura n'um corpo de rendas.

— Muito bem! disse Georgina encantada, quando as visitas sahiram. Dar-nos-hemos ás mil maravilhas. Eu sou boa rapariga, e muito preguiçosa para ser muito exigente. Aqui ha muito pouco que fazer. Eu como do caffé Inglez. Pela manhã tens de vestir-me;

depois regarás as flores da jardineira, e de tempos a tempos embrulhar-me-has cigarrilhas. Á noite, quando eu mandar, ir-me-has esperar á Opera.

— Á Opera?

— Sím. Olha que tudo isto não custa muito.

— Isso é uma vida de fadas! exclamou alegremente Rosina.

— Vista um pouco de longe; mas não fallemos mais n'isso.

Rosina julgou ter aberto a porta do paraizo perdido. Para ella, que era curiosa como todas as mulheres — mais curiosa por que não tinha visto nada — cada dia, cada hora, cada segundo lhe descobria palmo a palmo o quadro encantador e triste, luminoso e sombrio, da lucta das paixões profanas.

Decorreu uma semana,

Rosina viu em casa da corista as mulheres mais aceiadas e os homens mais elegantes do mundo, segundo ella dizia.

Nem siquer dormia.

Estava n'um mundo novo, que mal enxergava ainda.

Á noite, nos seus devaneios, via-se toucada, festejada, amada, formosa de esplendida formosura, embriagada em inebreante felicidade.

X

A legenda

Madame de Saint-Georges levantava-se ao meio dia.

Rosina, que estava habituada a madrugar em casa de seu pai, lia toda a manhã os livros que encontrava. É claro que não depararia a Biblia ou o Evangelho, mas romances que a iniciavam na vida parisiense, nas deslumbrantes loucuras d'esse paraiso infernal povoado de perfidas intenções.

D'uma vez em que ella estava quazi tentada a abysmar-se no turbilhão, sentiu-se de repente espiritada para o bem, ao ler esta breve legenda. Bem disse o poeta que «É precisa uma cadea d'ouro para arrastar uma mulher ao demonio, e que apenas basta uma linha para encaminhal-a a Deus.»

I

Vêdes aquella bonita rapariga cuja perfida riqueza deslumbra os olhos de quem passa?

É Magdalena.

Vêdes mais longe, aquell'outra, fresca e simples, purpurina como as rosas — ou melhor, como o vinho de Borgonha?

É Joanna.

II

Onde vão as duas irmãs? Vão aonde as leva a poesia; porque a poesia é como o ar: toda a gente vive d'ella.

III

Joanna vai, jubilosa, caminho da trincheira, onde está o namorado, um bravo mocetão, que a desposará orgulhoso da sua banda tricolor.

Será espancada, e viverá contente, a pobre Joanna! As dores da maternidade e as angustias da miseria não conseguirão que estime menos o seu ninho. Amará todos os que lhe dilacerarem o seio e o homem que duas vezes por semana ha-de entrar ebrio em casa — ebrio de mau vinho — e a espancará se ella não transigir.

E amará o esposo e os filhos, porque Deus será com ella.

IV

E Magdalena, aonde vai?

Vai procurar um estudante, que fuma o seu cigarro retorcendo o bigode. O estudante dar-lhe-ha um vestido de trinta e seis folhos, e um chapeu engrinaldado de rendas e flores.

Depois irão dançar ambos ao *Cerrado dos Lilazes* — depois cearão reunidos e depois... não terão o cuidado de vêr nascer o dia...

Magdalena irá pela manhã para qualquer parte, menos para sua casa; porque no seu primeiro leito, protegido pelo ramo bento, apenas descançará a irmã.

V

Magdalena, como o filho prodigo, esbanjará todos os thesouros do coração e da mocidade, sem jámais encontrar um homem que a ame sinceramente,—hoje e ámanhã!

VI

E um dia as duas irmãs se encontrarão. E estarão semi-nuas, — Magdalena empobrecida pela devassidão e Joanna pelo amor materno, e a mulher fecunda dirá á mulher esteril, como a voz da escriptura:

«Tu só abraçaste o vento e escreveste o teu nome sobre as ondas. Occulta os teus seios polluidos. Eu mostral-os-hei com orgulho, porque vejo ainda n'elles os vestigios dos labios de onze filhos.»

Rosina lembrou-se de sua mãe, chorou copiosamente e jurou viver casta.

XI

O vestido de seda de trinta e seis folhos

Rosina não era curiosa.

Todavia uma manhã, precisando de fallar a Georgina, deteve-se á porta do quarto, receiosa de ser importuna.

Estava assim perplexa, quando ouviu pronunciar o seu nome.

Georgina fallava com Olympia, a sua velha companheira d'aventuras, d'um passeio a Saint-Germain.

Rosina ouviu:

— É verdade, querida, Octavio, o homem da camelia ao peito, anda doido desde que viu Rosina, e persiste em querel-a.

— Que lembrança!

— Como espera que tu lhe favoreças a pretenção, manda-te este bracelete.

— Sabes tu se as pedras não são falsas?

— Enlouqueceste! Octavio não é d'esses homens. Está decidido, não está? Vamos todas trez a Saint-Germain, onde os rapazes teem uma casa de campo. Que Rosina vá bonita, penteada, e que leve o teu collar de perolas falsas.

Rosina recuou indignada. Comprehendeu que conspiravam contra a sua pureza a pobresa e a formosura, que o genio do mal a perseguiria por toda a parte, quer a cobrissem andrajos ou sedas e rendas e joias... A pobresinha rompeu em choro.

— Não irei a Saint-Germain, soluçou ella enxugando as lagrimas.

Mal os labios se tinham cerrado, surprehendeu-a Georgina ordenando-lhe que se penteasse e vestisse para acompanhal-a a uma excursão campestre.

— Anda depressa, recommendou Georgina; veste o meu vestido de seda côr de lilaz, de tres fôlhos. É verdade, eu tenho um collar de perolas que te ha de ficar bem; pois toma-o lá!

E deitou-lh'o ao pescoço. Rosina não teve palavras para responder e entrou ao quarto disposta a não se vestir. Todavia não resistiu a vêr ao espelho como lhe ficava o collar.

— Ah! murmurou ella, é pena, porque me ficava muito bem!

Quiz arrancal-o, mas o demonio como que lh'o acolchetou. Ficou portanto longo tempo em frente do espelho, extasiada em sonhos phantasticos.

— Porque hei-de dizer que não? interrogou a si mesma. Deus ha de castigar-me por eu apanhar o sol que é de todos?

E lembrando-se da confidencia que escutára:

— Não, não, por tal preço, não.

Arrancando o collar, arremessou-o ao tapete.

— Estás prompta, Rosina? perguntou a ama.

— Estou, minha senhora. — Que vou eu fazer? perguntou-se Rosina. Uma ideia! que vem do ceu.

Abriu de golpe um armario onde tinha guardado os vestidos que trouxera.

— Ah! murmurou ella despendurando-os. Seria eu capaz de tornar a vestil-os? Era impossivel; seguir-me-iam na rua. Pois eu entraria aqui com estes farrapos?

Invetera-se o amor ao luxo, mas perde-se tão depressa a lembrança da pobresa!

Rosina suspirou.

— Ó minha mãe! exclamou osculando respeitosamente o seu vestido de chita.

— Estás doida? apostrophou, á porta, Georgina, Que significa essa desordem?

— É que eu não me sei vestir, respondeu Rosina.

— Estupida! Vamos a vêr. Olympia, ajuda-me.

As duas amigas porfiáram em vestir Rosina; em menos de dez minutos estava ataviada.

— Pareces uma noiva! disse Olympia.

— Uma noiva! murmurou Rosina tristemente.

XII

Do perigo que correu a virtude de Rosina

Georgina não se acobardava diante do mal.

A lisongeira ideia de que tinha sido trocada na ama, dava-lhe a esperança de que, no dia do juizo final, se aguentaria a sua collaça com todo o fardo dos peccados que lhe pertenciam, ao passo que ella, Georgina, receberia o premio das virtudes maternas, que cabiam á outra, a quem o casamento dera familia.

Georgina, Olympia e Rosina sahiram juntas, preoccupadas de sentimentos diversos. Desceram á rua de Saint-Lazare, seguindo a pé para o caminho de ferro. As duas amigas deram-se o braço ; Rosina seguiu-as, ao principio, muito de perto ; depois foi espaçando a

distancia e, finalmente, altiva e resoluta, adejou como o passaro que reconquista liberdade.

Onde irá ella?

Desceu a rua Laffite. Chegada ao *boulevard*, desnorteada no caminho, abeirou-se d'um Auvergnat e perguntou-lhe, purpureando-se, como se lhe revelasse um segredo, onde era a rua de la Harpe.

Todavia, á entrada da rua de la Harpe, deteve-se, como se sentisse faltar-lhe a coragem de proseguir.

— Meu Deus! disse, relanceando a vista ao *hotel* de Pariz, se eu não vou lá, para onde hei-de ir?

E caminhou lentamente, cega de mil visões fluctuantes e descorada como um cadaver, sem reparar n'um elegante *coupé,* tirado por dous cavallos, que estacionava, com extranhesa de toda a rua, á porta do *hotel*.

Os estudantes tinham corrido ás janellas no proposito de espionarem o segredo de tão aristocratica aventura, e phantasiavam já vinte romances enlabyrinthados, cujo heroe era o condiscipulo que recebia a visita do *coupé*.

Antes d'entrar, Rosina levantou a cabeça, como para avisar com o olhar Edmundo La Roche, e ficou sobre-modo estupefacta de vêr emmulderados nas janellas os grupos negligentes dos estudantes, coroados por uma nuvem de fumo.

Bastou-lhe relancear os olhos para segredar-se:

— Elle não está á janella!

Não obstante, entrou ao *hotel*, atordoada, quasi sem consciencia.

No patamar, perguntou com voz commovida pelo snr. Edmundo La Roche.

—Numero 17, responderam-lhe.

Andou perdida, durante alguns minutos, subindo e descendo ao acaso, até que o numero 17 lhe resaltou da escuridão, como se os algarismos flammejassem.

—Se elle não está só! disse-se ella com terror.

Poz se á escuta. Este *hotel* da rua de la Harpe é um dos mais agitados do bairro—a qualquer hora do dia, mesmo a qualquer hora da noite. Vive-se ahi ruidosamente, o que prova que no bairro latino o estudo e o amor não se escondem no silencio.

Rosina ouviu vozear, cantar, rir. Foi-lhe porém impossivel averiguar se a celeuma irrompia do quarto de Edmundo La Roche.

Finalmente bateu de leve á porta e escutou com anciedade. Ninguem abriu. Bateu segunda vez, e sentiu passos então.

Quasi instantaneamente, appareceu Edmundo, com um amplo *robe-de-chambre* chinez, dando-se ares de quem está disposto a differir a visita para occasião mais opportuna.

—Sou eu! pipillou Rosina com candura.

Edmundo não reconheceu a ramalheteira das violetas sob tão esplendida metamorphose.

Rosina, desconfortada pela desamoravel recepção, não ousava entrar.

— Supponho,—disse o estudante—que, vendo tantas portas, se enganou na que procurava. Consinta que lhe ensine o caminho.

— O caminho? E saberei eu mesma aonde quero ir? Perdôe-me vil-o incommodar por tão pouco; aqui está esta moeda d'ouro, que lhe esqueceu ha oito dias sobre o meu cabaz de violetas, quando eu era ramalheteira na ponte de Change.

Disse, apresentando o dinheiro a Edmundo La Roche, que não encontrava no seu espirito senão uma reminiscencia vaga.

Como quer porém que ella recuasse um passo, um reflexo de sol illuminou-lhe o perfil.

— Ah! já sei, disse Edmundo com um sorriso inquieto; como está bonita! Será possivel! Ainda não comprehendo bem! Mas em Paris quando é que ha tempo para comprehender?

E, tomando a mão de Rosina, encaminhou-a para duas portas adeante.

— Onde vamos? pergunta ella timidamente.

— Espere, respondeu elle batendo; não se inquiete. É o meu maior amigo. É porque eu não estou só; tenho uma visita no meu quarto. — Ora esta! não respondem. Diabo!

Edmundo esperou ainda alguns segundos, silencioso e paciente.

— Mas, snr., explique-me.

— Tanto peior, proseguiu elle, como fallando comsigo, voltemos.

Reconduziu Rosina á porta do quarto, entrou, e disse a uma mulher que estava dentro:

— Passe para o meu gabinete. Tenho que fallar em segredo com um amigo.

Depois, voltando á porta:

— Entre, disse a Rosina.

Ella entrou em bicos de pés.

— Vamos, sente-se diante do fogão. Como está bonita! Ih! que aceiada! Foi decerto alguma varinha de condão que a metamorphoseou. Ah! filha de Eva, qual seria o demonio? Sinto que me não coubesse o dôce encargo de ter de a vestir assim.

Edmundo La Roche dizia tudo isto em voz baixa, entre curioso e distrahido.

— Escute-me, disse Rosina, porque é preciso que saiba a verdade. Não comece por me condemnar. Este bonito vestido, que me vê, não é meu.

E curvou-se, como para esconder o rubor das faces.

— Contar-me-ha isso mais tarde, replicou Edmundo La Roche.

— Mas tarde, não; agora, porque o snr. parece duvidar.

— Vamos, vamos, dizia de si para commigo o estudante já um pouco impacientado. Ha-de ser muito

edificante. Vae contar-me a eterna historia que contam todas. Ainda se Carolina não estivesse alli dentro, poderia dar-me ao vagar de a escutar.

— Não levará muito tempo, proseguiu tristemente Rosina. Conhece a snr.ª de Saint-Georges? Estive oito dias em casa d'ella sem saber onde estava. Veja pelo meu vestido o que ella queria fazer de mim; já me chamàva *noiva*. Este vestido é pois a minha primeira falta, mas será tambem a unica. Não é meu, mas eu não tive forças para tornar a vestir o que trazia quando o senhor me viu. Queria que eu agradasse a outro; mas eu fiquei com o vestido e vim aqui...

Jámais se contára uma historia com tão candida eloquencia. Era a linguagem da verdade.

— Oh! oh! pensou Edmundo relanceando os olhos á porta do gabinete. É um dia de nupcias mal auspiciado.

— Foi Deus que me guiou, proseguiu Rosina colorindo-se. Não é verdade que o senhor me salvará? Oh! eu amo-o...

E, inclinada, enchugava as lagrimas.

Edmundo La Roche tomou-lhe da mão, fitou-a com admiração, e em tom de quem está profundamente commovido, disse:

— Quer que eu a salve? Pois bem, salval-a-hei.

Fez-se silencio. Rosina levou a mão ao coração como para abafar os bates violentos, que o estudante poderia ouvir.

— Olhe, tornou Edmundo, aqui está o nosso ninho. Será seu tudo isto, proseguiu chasqueando, e indicando alguns velhos moveis do *hotel*.

— Mas, apostrophou arrastando para junto de Rosina a sua unica poltrona — que é preciso para ser feliz? Gastar o tempo. A felicidade é pois o tempo que a mocidade consome.

XIII

Caprichos do amor e do destino

Rosina não quiz sentar-se. Acercou-se do fogão, chegando os pés para o lume, e lançando um olhar d'esconso ao quarto do estudante.

Era um quarto com a proverbial mobilia das hospedarias: um leito, uma poltrona, uma cadeira, uma commoda e uma mesa. Desde a porta até á janella havia rimas de livros de direito; duas gravuras inglezas ornavam as paredes forradas a papel azul, de ramagens singelas. A pedra do fogão estava cheia de cachimbos, e a commoda de miudesas, de gravatas, de luvas. Denunciava-se n'esta desordem um espirito distincto e indolente a quem faltava tempo para estudar, para sonhar á janella ou para viver.

— Ah! pensava Rosina, como eu seria feliz arranjando tudo isto!

Edmundo La Roche, por muito inquieto que estivesse, não a desfitava.

— Como está bonita! Nem tenho palavras para lhe dizer como me sinto feliz ao pé de si! Como me seria doce deslaçar esses esplendidos cabellos ondeados!

E destramente desatou o chapeu de Rosina. Ella ergueu os olhos n'um olhar ternissimo. O estudante sorveu n'esse olhar uns philtros que o endoideceram, esqueceu-se de que não estavam sós, e ia prendel-a pela cintura, e apertal-a contra o peito, quando rumorejou um fremito na sala.

Edmundo relanceou a vista á porta do gabinete.

— Está alli alguem! exclamou Rosina empallidecendo. Ah! senhor, não devera ter-me aberto a porta.

O estudante quedou-se silencioso.

Baralhavam-se-lhe no coração dois sentimentos oppostos. Não sabia como proteger a pobre rapariga que vinha refugiar-se sob o seu tecto com toda a sua candura angelica. O amor gosta de luctar para conseguir.— Edmundo preferiria ter conquistado Rosina no dia em que a encontrou na rua das Lavadeiras.

No bairro latino são tradicionaes similhantes aventuras; mas quando se depara uma paixão mais séria e mais digna, despertam os instinctos nobres, sente-se acordar o coração, e não lhe é então defesa a sublimidade.

Edmundo sentia-se amar Rosina com mais amor

que paixão; conhecia que lhe seria mais doce protegel-a que perdel-a.

Rosina, desviando-se do fogão, voltara-se para a porta d'entrada, sem deixar de espionar a do gabinete.

— O que é certo, pensava Edmundo La Roche, é que só o amor a pode salvar, como ella disse na sua abençoada ignorancia. Com outro, seria uma mulher perdida; comigo...

— Eu saio, disse Rosina.

Improvisamente abriu-se a porta do gabinete. Uma mulher ainda nova, elegantemente vestida, correu para Rosina.

A pobresinha deteve-se, murmurando:

— Santo Deus, que será de mim!

E deixou-se cahir, exhaurida de forças, nos braços de Edmundo.

A mulher do gabinete fez-lhe respirar saes.

— Não trema assim, menina, tome alento...

O estudante amparava Rosina nos braços.

— Oh! minha senhora, apostrophou ella descerrando os olhos, sou muito culpada. Perdôe-me... Se eu soubesse...

E desembaraçou-se completamente de Edmundo.

— Todavia sinto que terei forças para ir embora.

— Pobresinha, carpiu a desconhecida, para onde ha-de ir?

— Para onde hei de ir? É verdade... Não sei

para onde hei de ir, mas não quero estar aqui mais tempo, disse Rosina olhando alternadamente para os dois, e dizendo de si para si:

— O que é certo é que eu sou mais bonita.

— Não sabe ainda tudo... porque ignorava que sou irmã de Edmundo.

— Irmã! Pois é irmã!

Rosina lançou-se-lhe delirante nos braços, fosse por aquella mulher ser irmã do homem que amava ou por não ser sua mante.

— Sim, sou irmã de Edmundo, e bem vê que tenho razões para velar por elle. Não se offenda. A menina é uma pobre rapariga que corre para a sua perdição. Eu a salvarei, porque Edmundo perder-se-hia comsigo. Ha de ir no meu *coupé;* estou certa de que meu marido me não ha de contrariar. Não sei ainda o que a menina fará em minha casa, mas esteja tranquilla, que não será uma criada. Imagino que sabe coser, lêr, e entreter os meninos. Pois entreterá os meus filhos, e os meus filhos entreterão a menina, até que appareça alguma coisa que lhe convenha.

— Muito obrigado, minha senhora, soluçou Rosina entre reconhecida e melancolica; estou prompta para acompanhal-a e para fazer o que V. Exc.ª quizer.

Rosina levantou timidamente os olhos para Edmundo.

— Adeus, murmurou ella, esqueça-se de que eu vim aqui...

— Adeus, respondeu elle, apertando-lhe a mão, Talvez, proseguiu fitando na irmã um olhar malicioso, talvez que Rosina fizesse melhor em aceitar aqui o destino que tu lhe preparas.

— Vamos, Edmundo, não rias de coisas sérias.

— Tens razão, minha querida Carolina. Hoje não fizeste senão prégar-me sermões. Ainda se fosse só prégar sermões! Todavia perdoo-te, por que Rosina é mais digna de se recolher sob o teu tecto que sob o meu.

Abraçou a irmã, apertou ainda a mão de Rosina, e dispensou-se de as acompanhar para não dar espectaculo aos estudantes do *hotel*.

Quiz porem abrir a janella para vêr outra vez Rosina. Quando ella subiu ao *coupé*, suppoz Edmundo vel-a levantar ainda a cabeça, para lhe dizer o derradeiro adeus. Todavia Rosina anichou-se nos coxins sem ousar fazer um movimento. Rodou a carruagem, e Edmundo sentiu a vaga tristesa que nos opprime quando vemos partir para uma longa viagem uma pessoa que nos é cara. Jantava todas as semanas uma ou duas vezes em casa da irmã; lembrou-se de ir lá n'esse mesmo dia. Foi porem retido por um companheiro de aventuras, porque Edmundo não era dos que vivem vida de anachoreta.

Havia seis semanas que tinha por amante uma mulher muito conhecida no bairro latino pela designação de *Possessa*.

A irmã de Edmundo velava pelo irmão com maternal solicitude. Não podendo conseguir que vivesse em sua casa, na rua Laffitte, vinha de tempos a tempos surprehendel-o de manhã, dando por pretexto o ter passado perto.

O marido era um banqueiro com fóros de celebridade na Bolsa e na Opera, o snr. Bergeret. Algumas aventuras do snr. Bergeret tinham dado rebate aos chronistas parisienses. Era um homem amavel, sem intelligencia, mas alegre e cortez. N'esse dia havia dito a sua mulher que o demorariam por fora de casa os caprichos do tres por cento.

Carolina Bergeret jantou com Rosina, e com os filhos, promettendo á sua nova pupilla que no dia seguinte lhe daria vestidos mais modestos.

O perfil não estava em harmonia com a moldura.

Rosina tinha anciedade de se libertar d'esse esplendor ficticio que, em vez de dar relevo á sua formosura, parecia afogal-a em ouropeis.

Á noite, Carolina Bergeret destinou-lhe um pequeno quarto onde Edmundo dormia algumas vezes, no tempo dos bailes da Opera.

Rosina adormeceu feliz, apesar d'esta reflexão um pouco molesta:

— Se eu estivesse a esta hora na rua de la Harpe!

XIV

A serpente das camelias

No dia seguinte Rosina levantou-se ao amanhecer; quiz, por sua mão, vestir os meninos. Empenhou extrema solicitude n'essa amoravel tarefa. Rosina era tão bella e tão meiga, que as crianças lhe queriam já como se a conhecessem ha muito. A bellesa é-nos sempre familiar.

Á hora do almoço, Carolina Bergeret chamou-a, e disse-lhe:

—Ande, sente-se ao pé de mim. Aqui está meu marido, que me prometteu protegel-a.

Rosina ergueu os olhos; o snr. Bergeret deixou cahir o garfo.

—Jesus! murmurou ella pallida e perturbada.

—Que tem, Rosina?

— Nada, minha senhora. — E tentou sorrir — Não tenho nada... Eu tinha-me esquecido...

— Sahiu da sala de jantar, entrou ao quarto, pôz o chapeu e o mantilete e, abrindo uma porta que dava para a antecamara, sahiu açodada.

O banqueiro Bergeret era aquelle celebre Octavio da rua Bréda, conhecido pelas suas camelias e pelos seus braceletes — D. Juan de bastidores, que na vespera deixára a mulher e os filhos para ir jantar a Saint-Germain em communidade com libertinos, na esperança de encontrar Rosina.

A pobresinha comprehendeu para logo que não podia estar mais um momento deante do marido sem denuncial-o á esposa, unica maneira possivel de justificar a sua perturbação.

— Como eu sou desgraçada! dizia-se ella já na rua. Só me restará morrer?

Descia a rua Laffite, sem saber onde fosse. Ia de vagar, e era acotovelada a cada passo. Chegou ao *boulevard*, e deteve-se deslumbrada pela opulencia parisiense, que loucamente se estadeia alli.

— Morrer! murmurou ainda.

Então, de si para si, lembrou-se se acaso lhe seria defeso viver entre a turba-multa que a acotovelava. Deixou-se ir desnorteada durante alguns minutos. Mas no meio d'aquelle alhear-se tão proprio da sua idade, como que se perguntou a si mesma qual era o seu destino.

— Ah! por onde hei-de eu ir? Onde vou eu?

Os olhos, esses deixou-os prender enlevados nas mulheres que passavam.

— Para onde irão estas mulheres? Ha decerto uma casa para ellas.

A tristeza era cada vez mais profunda. Ao cabo de meia hora de caminho, deu tento de estar na rua das Lavadeiras, e sentiu-se alvoroçada.

— Sim, segredou-se reanimada, tornarei a vêr meu pai e minha mãi. Abraçarei meus irmãos. Ao menos, se estou condemnada a morrer, terei coragem para morrer entre elles.

XV

A maldição

A rua das Lavadeiras evocou-lhe todas as recordações infantís. A que o coração contemplou com mais doloroso relevo, foi a da miseria, que ella se admirou de ter arrostado durante tanto tempo, comendo pão amassado com lagrimas.

— Sim, morrer; não terei coragem para viver tão pobre.

Subiu a escada, exhaurida d'alentos. Onde estava agora o coração que, na vespera, quando ella subia a escada de Edmundo La Roche, lhe dava impetos d'esperança? Viu a porta aberta. Deteve-se ao limiar, pallida e vacillante. A mãe moirejava na cosinha.

— A mana Rosina! apostrophou uma das crianças.

— Rosina! disse a mãe alvoroçada, correndo ao encontro da filha e abraçando-a.

— Como estás bonita! D'onde vens tu assim?

— É verdade, respondeu Rosina olhando no vestido e no mantilete com triste presentimento, eu tinha-me esquecido...

Os pequenitos, curiosos e surprehendidos, corriam de tropel.

— É a mana Rosina! é a mana Rosina! chilreavam alegremente.

Curvou-se ella para abraçal-os. N'este meio tempo desceu o pedreiro do sotão onde estava amolando a ferramenta. Encarando no vestido de Rosina, afugentou os pequenos, affastou a mulher com uma das mãos, e com a outra impelliu rudemente a filha para a escada.

— Vai, mulher perdida, disse elle, e leva comtigo a tua alegria e os teus aceios! tudo isso protesta contra a nossa pobreza. Tu bem sabias que na nossa familia era costume viver cada um do seu trabalho. Que diria meu avô, um voluntario de 1792, que ganhou uma das primeiras medalhas d'honra!

A indignação do pai, que se julgava deshonrado na filha, foi tão violenta e tão eloquente, que a mulher, que o comprehendeu, não ousou articular palavra, para defender a filha. As crianças agrupáram-se silenciosas a um canto.

Quando Rosina se levantou, ouviu fechar-se ruidosamente a porta.

— Está tudo acabado! disse ella com sombrio desespero. Por mais que eu dissesse, meu pai não me acreditaria.

XVI

A canção

Rosina sahiu dementada.

—Meu Deus! disse ella, persignando-se.

Era sinceramente religiosa. Gostava de estar nas igrejas, sentia-se forte e alliviada, que é esse o condão da prece, e era-lhe enlevo o levantar o espirito ao céo, em vagas aspirações. Mas, tanto a cegava o desespero, que, não acreditando já em seu pai, tambem não queria acreditar em Deus.

—Senhor! dizia gemendo, é certo que me não vêdes?

Subia a montanha de Santa Genoveva, para ir orar a S. Estevão do Monte, quando foi insultada por quatro estudantes que, pela garridice do trajo, a tomaram por loureira transviada.

— Vai-lhe bem! disse um dos quatro companheiros soprando-lhe ao nariz o fumo d'um charuto de vintem.

— Vai-lhe bem! ratificou outro; qual de nós tinha bolsa para tanto?

Rosina, anciosa d'um abrigo, embetesgou-se pela primeira porta que encontrou aberta: era uma casa de pasto. Fugiu de Scylla para Charybdes. Dirigiu-se a um recanto, onde jantava uma mulher.

— Senhora!

N'isto reconheceu a harpista.

— Oh! és tu! Ainda bem que não perdeste tempo. Pareces uma rainha de *boulevard*.

Os frequentadores acercaram-se das duas mulheres.

— Isto é fructa verde! disse um.

— Fructo prohibido, emendou a harpista. Ide beber para o vosso lugar.

E quando elles voltaram para o balcão:

— Conta-me as tuas aventuras! disse ella a Rosina.

— As minhas aventuras! Meu pai expulsou-me, indignado de me vêr assim.

— Pois olha, assim é que ninguem te expulsa. Como arranjaste tu esse vestido?

— Como? Vestiram-me, como vê, para eu ir a um passeio ao campo.

— Comprehendo. Com companheiros d'ambos os

sexos... Ai! quando eu tinha vinte annos! Olha, ahi vem o meu amante.

Rosina viu entrar um homem ainda novo, que tinha sobre a fronte encalvecida a corôa das paixões impuras, ou melhor, o stygma da devassidão. Era neto d'um dos maiores genios que teve a França. «Eu, dizia elle, não sou um escriptor celebre, mas um escriptor publico. Faço fallar os Chimenes e os Camillos das praças.» Vivia d'esmolas, que se não davam á pessoa, mas ao nome. Tinha escripto na primeira pagina da sua biographia, em vez da legenda *direito ao trabalho*, a legenda *direito dos pobres*. Dormia onde quer, sem respeito á memoria de seu illustre avô, e escrevia em qualquer mesa, entre duas garrafas e duas mulheres, petições ao imperador, aos ministros, a toda a gente, assignando sem pudor um nome que nunca solicitára mais que admiração.

— Aqui está para o jantar, disse elle arremessando á mesa um livreco onde acabava d'escrever tres novos nomes que deviam ser contribuidos.

Quando o pedinchar lhe não rendia, levantava vôo para onde quer que farejasse filhos prodigos e concubinas celebres. Imperiosamente fazia annunciar o seu nome illustre, apresentava-se com hombridade, desenrolava os seus titulos de nobresa, e acabava por pedir cem soldos. Como porém a gente se lembrasse do terceiro avô d'aquelle homem, mettia a mão ao bolso e dava-lhe vinte francos.

Começou por pedir aos aristocratas, que só esmolam apregoando a propria caridade, e que recitam um discurso para dar uma esmola; para logo conheceu que era muito menos trabalhoso bater á porta dos que atiram o dinheiro pela janella.

O neto do grande homem mandou vir um *arlequin* que abeberou n'uma garrafa de vinho maduro. Era quazi o mesmo jantar da Harpia. Offereceu porém a Rosina, e convidou-a a beber do mesmo copo. Ella jamais aceitaria uma sede d'agua em tão hedionda bodega, mas levou o copo aos labios para não ser descortez.

A este tempo ja a Harpia tinha, segundo a phrase d'ella, refrigerado a seccura das entranhas com o orvalho do bom Deus. Fallava pelos cotovellos, sem peas, vociferando e fazendo motim. Depois de ter insultado o mundo todo, virou-se para Rosina.

O escriptor publico constituiu-se em advogado da pobresinha, enleiando-a nos braços; a Harpia, enfurecida, remetteu contra elle.

—Olha que te esgano, se não tomas juizo.

Disse a Harpia pegando n'uma faca. O amante desprendeu Rosina para lançar mão d'uma cadeira, mas Rosina quebrou os impetos da harpista poisando a sua bonita mão sobre a faca.

Tornaram a abancar á mesa. Rosina queria sahir d'alli. Mas para onde?

— Não sei como depois de andar pela Opera, póde sobreviver a vêr-se assim! disse ella á Harpia.

— Cahi resvalando docemente; Lamartine chama a isto a queda d'um anjo. Fui indo de tombo em tombo, quazi sem consciencia, da Opera ás Folies-Dramatiques, do *coupé* ao *fiácre*, da modista á adeleira, embriagada com os proprios ouropeis. A aguardente perdeu-me e salvou-me; é que a agua-ardente mata e não deixa morrer. Tu, minha ingenua, o conhecerás. Vai-se indo, indo. Sobe-se sem se dar por isso, como nos contos de fadas. Mas tambem se vai de mal a peior sem haver tempo d'olhar para traz. Ah! eu cheguei a ter aposentos principescos!

— Com portas d'excommunhão, replicou o amante da Harpia como litterato que era.

— Não riamos. Eu fui de vento em popa. Tinha mesadas certas, sem fallar d'extraordinarios... Por desgraça, cahi nas mãos dos onzeneiros de má morte.

— Era no tempo do dinheiro de cambio —disse o descendente do grande homem para afinar pelo diapasão da amante.

— É verdade, meu caro. Era bem melhor que estar atida a um só, porque tu com todo o teu talento não tens onde caias morto, contestou a Harpia empunhando o copo.

— Quando me lembro que passaram oito dias sem que o vinho me levantasse ás estrellas! É caso para *Ecce-Homo*.

Á sobre-mesa, a Harpia pegou na harpa e começou a cantar, para o seu amante, para Rosina e para a gente que estava, esta canção que lhe tinha rimado um poeta erradio :

Tece á noite a aranha o fio,
Eu teço da vida a teia,
Que eu tenho n'esta figura
O que a aranha tem de feia.

Resvalei do throno á lama,
Não tenho nem lar nem ninho.
Morta a alma, cólo os labios
Ao copo cheio de vinho.

Tremo, quando á luz do sol,
Vão da Harpia chasqueando ;
Venus borralhenta, á noite,
Trapaceio, e vou cantando.

MORALIDADE

Vendilhona, salta vinho,
O vinho dá mocidade.
Vinho, vinho, ó vendilhona,
Vinho, occulta-me a verdade.

Logo que anoiteceu, Rosina saíu da espelunca e desceu ao Sena. Deteve-se longo tempo na ponte de Notre-Dame, resolvida a deitar-se ao rio. Debruçou-se no parapeito, e esteve contemplando as maretas que um violento oeste levantava. Os raros transeuntes surprehendiam-se de vêr uma rapariga, tão gentilmente vestida, áquella hora, em sitio tão desfrequentado. Rosina não se inquietava com dar na vista; suppunha-se já no fundo das aguas, luctando entre a vida e a morte.

— Mas ámanhã, — ponderou ella, apparecerei á superficie, despir-me-hão e expôr-me-hão na Morgue. Não quero morrer assim.

E o pudôr como que lhe estava dizendo que era melhor suicidar-se no mar largo, onde não podesse reapparecer a olhos humanos.

Voltou á rua das Lavadeiras, disposta a tornar a vêr a mãe e a entrar de fronte erguida na casa de seu pai, depois de haver contado tudo o que lhe acontecera.

Fallava a uma visinha para ir avisar a mãe, quando a mulher do pedreiro sahia á rua com uma bilha e um balde. Rosina não ousou aproximar-se; seguiu-a a distancia. Quando a mãe parou na fonte da praça Maubert, Rosina abeirou-se.

— Ah! és tu!

Exclamou a mãe cingindo a filha contra o peito.

— Ouça, disse Rosina suspirosa. O pai julgou-me sem me ouvir; eu não sou criminosa.

— Que tem isso? respondeu a mãe. Criminosa ou não, sempre és minha filha. Mas não vás para casa, porque teu pai é birrento e podia matar-te.

Rosina contou rapidamente o que tinha passado.

— Pois olha, disse-lhe a mãe, eu vou levar isto, e tu espera-me. Vamos ambas a casa d'uma mulher que dá hospedagem na rua Saint-Jacques e que ha dias a esta parte é a nossa Providencia.

Rosina foi bem recebida na estalagem. Vestiram-na mais modestamente, mas com alguma distincção, e prometteram-lhe tomal-a como *creada grave*.

Todavia, começou a sentir-se afflicta, quando conheceu que a dona do *hotel* andava conchavada com os estudantes do predio para fazer cahir no laço as raparigas da visinhança. Esta mulher tinha-se dado o incommodo de subir ao escondrijo do pedreiro, como anjo de charidade, para seduzir a irmãsinha de Rosina.

Procurou, pois, por todos os meios alliciar Rosina, mas como ella resistisse com toda a sua altiva e selvagem virtude, o mesmo foi desfazer-se a sociedade. Não podendo prostituil-a, expulsou-a.

Como isto é triste! como isto é triste! Quem sabe ahi por que perigosos despenhadeiros resvala a virtude! A cada passo uma cilada, a cada esquina um precipicio! E nem um só homem honrado que lhe estenda nobremente a mão! Lar deserto, pão amargo, leito que parece tumulo, e alem d'isto... nada mais.

O trabalho, dizeis vós? E que quereis que façam

estas mãos delicadas que Deus apenas destinou para o labor domestico e para conforto das creanças? O trabalho matal-as-hia em sua tyrannia quotidiana. O homem é que é culpado. Sabeis o que faz o homem, quando Deus lhe envia, como convite á charidade, uma rapariga que morre de fome? Prostitue-a, rouba-a como um salteador d'estrada; faz do seu véo de donzella a bandeira que se conquista ao inimigo.

E julgais que este homem será punido por crime de lesa-humanidade? Punido! Pelo contrario. A turba applaude-o, como se se tractasse d'um romano roubando uma sabina. E mais vezes ainda é a mulher que entrega a mulher á prostituição. É a mulher que perde a mulher. Não foi Adão que corrompeu Eva. Rosina era mulher, mas se podia encontrar a porta do paraiso perdido, era pelo Amor, pela Curiosidade não.

XVII

Do alegre almoço de Rosina e Edmundo

Ha n'este mundo homens predestinados ao amor. Encantam, como se uma fada lhes derramasse no berço o perfume voluptuoso dos cabellos de Venus ao emergir das ondas ou de Diana ao sahir da floresta. A maior parte dos homens está condemnada a viver pouco pelo amor. Limitam-se a uma mulher. Cuidam especialmente da sua vida. Absorve-os a guerra ou o commercio, o seu estabelecimento, o seu amor pela sciencia ou o seu amor pelos filhos. Ha tal que relanceia apenas um olhar ao paraiso do amor, e que se contenta com ter vinte annos uma só vez na vida.

Mas os privilegiados da terra, os filhos prodigos do seu proprio coração, os que dão sempre e sempre recebem, porque a vida está para elles toda na sensi-

bilidade, esses teem vinte annos durante vinte annos. As mulheres conhecem-n'os. Basta apparecerem, para serem amados. E o que os torna mais fortes, é não conhecerem o seu condão. As mulheres, essas conhecem-n'o bem. Basta que fallem, quer sejam intelligentes ou brutos; basta que sorriam, porque teem olhos e bocca, — apezar de eu conhecer alguns que só teem olhos para contar dinheiro e bocca para comer.

Edmundo La Roche nasceu predestinado ao amor.

Quando encontrou Rosina, já tinha dado o seu coração mais d'uma vez com as suas alegrias e as suas lagrimas; — mais d'uma vez se tinha absorvido nos extasis e nas angustias da paixão. Tinha começado a desfazer, umas vezes distraido e outras febril, a cadeia de rozas que se colorem com o nosso proprio sangue. No bairro latino, sorriam-lhe as mais bonitas raparigas e pareciam dizer-lhe alegremente «Quando nos amaremos?» porque ellas o tinham visto já enredemoinhado nos turbilhões do baile da Opera; ceiando ruidosamente ou passeiando só, como pensador, pelas alamedas do Luxemburgo; alternadamente terno, epigrammatico, ciumento, louco, esporeado pela paixão, atirando-se atravez de todas as conquistas e de todos os perigos.

Edmundo não se apaixonou pela filha do pedreiro. Descerrou os dentes, como quando se vê, pendente da latada, o pomo todo oiro e purpura, mas passou adeante dizendo de si para comsigo: Está verde ainda.

Pouco e pouco, porem, a encantadora imagem de Rosina, entre risonha e melancolica, se lhe gravára no coração. Já a trazia comsigo, sem siquer o suspeitar. Não tardou que a imagem — a gravura a agua-forte, o incendiasse. Uma manhã, passando na ponte de Change, sentiu como por acaso desabrochar-lhe no peito uma recordação saudosa de Rosina; lembrou-se do ramo de violetas, e procurou a ramalheteira. Onde estaria ella? Se Rosina passasse n'esse momento, colhel-a-hia nos braços, louco d'amorosa loucura. Mas Rosina não appareceu. Entrou-se o estudante de melancolia subita, e pareceu-lhe que lhe haviam roubado a sua mais querida visão.

No dia seguinte, recolhia pela rua Saint Jacques, pensando n'ella, quando a viu, como por milagre, sahir retransida de medo da hospedaria de que fora expulsa como mulher perdida.

Rosina voltou a cara, como se não quizesse ser reconhecida.

—Ah! É a menina! apostrophou elle tomando-lhe a mão.

— Não, já não sou eu, respondeu ella tristemente.

E desprendendo a mão, tentou fugir.

—Rosina, Rosina, que lhe aconteceu?

—Aconteceu-me que sou uma mulher perdida para toda a gente, excepto para mim.

—Excepto para mim, repetiu tambem Edmundo La Roche.

Ella corou, e deu-lhe outra vez a mão.

— Rosina, eu procurava-a.

— Procurava-me! Toda a gente foge de mim, até eu mesma.

— Encontrei-a, não a deixarei mais, porque a amo.

— Ama-me? que quer isso dizer?

Rosina empallidecera.

— Quer dizer que a levo commigo.

— É impossivel.

— Porque?

— Porque o amo.

— Não fallemos ambos, porque assim não nos podemos entender.

Rosina, insensivelmente, tinha aceitado o braço de Edmundo; elle ia, e ella ia com elle. Chegáram depressa á rua la Harpe.

Edmundo entrou a porta do *hotel* com certa inquietação, como se presentisse tempestade.

Quando o estudante abriu a porta do quarto, Rosina imaginou-se por um momento em sua casa.

— Que bonito arranjo! está tudo como da outra vez.

Rosina gostava d'aquella desordem.

— Se elle tivesse amante, pensava ella, não estaria isto assim desarranjado.

Rosina não conhecia as amantes do bairro latino.

Edmundo tocou a campainha.

— Vamos almoçar, menina Rosina?

Como recusar almoçar, frente a frente, com o homem que se ama, quando labios e coração estão sedentos? Rosina respondeu affirmativamente.

O estudante deu ordem para vir do botiquim visinho uma duzia d'ostras. um prato de figado, meio frango, e uma garrafa de Champagne. O do botiquim juntou a isto um pires de morangos e outro de cerejas para engodarem os olhos. Serviu-se o repasto n'uma mesa destinada aos festins da sciencia. Rosina preparou-se.

— Olhe que separa muito as cadeiras, apostrophou Edmundo La Roche.

Ella aproximou-as, purpurejando-se.

— Está bem assim, disse o estudante fazendo-a sentar, sentando-se junto d'ella, e abraçando-a.

Rosina voltou a cabeça.

— Repare que as nossas cadeiras estão mal collocadas.

— Não se zangue, é o *Benedicite* do amor — com as *Graças*.

Seguram-se mil deliciosas loucuras, e o tilintar dos garfos e dos copos.

— Vamos, exclamou o estudante deitando vinho. Toquemos com força. Isto passou de roda na grande roda, mas é a ultima canção dos corações nobres.

E tocaram os copos, como se fazia em outro tempo.

— Ah! como é agradavel almoçarem dois! articulou Rosina.

E pela primeira vez, havia muito tempo, lhe adejou nos labios um sorriso.

— É mais bonita ainda quando se ri! disse-lhe Edmundo. Rosina, não se entristeça mais. Veja como tudo nos sorri. Olhe como o sol a corôa com um reflexo Que bello ceu! Dir-se-hia que Deus concede aos namorados indulgencias plenarias.

Rosina desejaria decerto poisar o garfo para se deixar pender enlevada sobre o peito do estudante. A sua alegria precizava de lagrimas. A pobresinha não estava costumada a ser feliz.

XVIII

A Possessa

Edmundo La Roche, ao fechar a porta do quarto, não correra o ferrolho, para não intimidar a virtude de Rosina. De repente, uma mulher que morava no bairro, a menina Angela, por alcunha a *Possessa*, entrou enfuriada e ruidosamente no quarto.

— Esperava-te, disse ella a Edmundo La Roche, lançando um olhar de esconso a Rosina, cujas miragens de felicidade instantaneamente se desfizeram.

— Esperava-me? replicou o estudante; pois eu é que a não esperava, minha senhora.

— Minha senhora! Que módos são esses! Voltamos nós ao principio?

— Não; chegamos ao fim, minha senhora.

— Não temos principio nem fim; eu não sou das

que se vão embora, quando lhes dizem «Saiha». O que aqui está é meu.

—Minha senhora, o que aqui tem é uma touca de dormir e um par de chinellas. Eu pagarei a quem lhe leve isso. Se eu não fosse mais delicado, dir-lhe-hia agora que tem em mais d'uma parte... toucas e chinellas.

—Se disseres mais uma palavra, offendo-te.

—Minha senhora, eu sou incapaz de lhe fazer outro tanto.

O dialogo afinou por este diapasão durante alguns segundos: Rosina refugiou-se na janella, como se não quizesse vêr nem ouvir, mas o que é certo é que a pobresinha via e ouvia.

Edmundo La Roche, julgando que a situação poderia prolongar-se, pegou nas mãos da Possessa, ao mesmo tempo amavel e violento. Vendo que não vencia fallando alto, procurou convencel-a segredando-lhe ao ouvido.

A Possessa sabia o que podia; conhecia que não se respirava impunemente o olor acre dos seus luxuriantes cabellos, sobretudo quando ella se inclinava langorosa nos braços do homem que lhe fallava. De feito, Edmundo, que, ao apertar-lhe as mãos, tinha o proposito de a expulsar, sentiu-se vacillar repentinamente.

Rosina, que furtivamente olhava para elle, comprehendeu que era trahida. Foi em bicos de pés até

á porta. Estava já no patamar, quando Edmundo viu que tinha sahido da janella. Quereria elle correr a sustel-a, mas Venus, que empolgara a victima, fechou vivamente a porta e arrastou-o para a janella.

Quando Rosina se viu na rua:

— Não me resta nada, nem siquer a esperança! disse ella.

Inconscientemente traduziu o pensamento inscripto por Dante sobre a porta do inferno.

Até esse dia, a recordação de Edmundo permittia-lhe erguer os olhos ao ceu e murmurar: Quem sabe?... Mas agora, nos mares aparcellados que ameaçavam naufragio, onde se lhe depararia tabua de salvação? A pomba ia abysmar-se no oceano, ferida na aza, que sangrava.

XIX

A comedia

Rosina entrou alheada no jardim do Luxemburgo. Um dramaturgo, que tinha escripto uma peça para o Odéon, e que não andava satisfeito com a ingenua da companhia, mirou-a duas vezes.

— Ainda bem! disse elle de si para comsigo, absorvido na sua ideia; aqui está uma ingenua que só com os seus olhos azues me salvaria a comedia.

E como estivesse vesado a fallar a todas as mulheres como fallava ás actrizes, apostrophou familiarmente a Rosina atravessando-se-lhe no caminho:

— Quer representar uma comedia?

— Representar uma comedia? Como? Eu estou resignada a tudo, respondeu Rosina tristemente.

— É muito simples, contestou o dramaturgo. Ou

se é actriz, ou não se é, mas todas as mulheres o são. E ainda que não tenham cursado o Conservatorio, basta-lhes apparecer no palco para serem applaudidas.

— E ousarei eu tanto? perguntou Rosina amedrontada.

— Com essa figura ousa-se tudo. Dê-me o braço; o emprezario é meu amigo, a ingenua da companhia está para ser mãe, e elle recebel-a-ha com enthusiasmo.

A desesperança tanto fizera de Rosina uma creatura sem vontade propria, que nem siquer teve a coragem de resistir. Deixou-se conduzir ao Odéon, sem reflectir em que era perigoso o caminho das mulheres de theatro.

O emprezario, mal lhe viu o melancolico perfil como que illuminado pelo azul dos olhos, disse ao dramaturgo que desde logo podia considerar a sua protegida como pertencendo á companhia.

— Para ser actriz, observou o author dramatico, basta ter belleza, mocidade e desenvoltura.

— Quanto não se tem conseguido mesmo sem essas tres virtudes theologaes do theatro! ponderou o emprezario relanceando um olhar ao pessoal numeroso da companhia.

Assentou-se que Rosina pagaria do seu bolço as luvas e o omnibus.

Todavia a pobresinha prometteu a si mesma ir a pé para ter com que comprar pão.

N'esse mesmo dia assistiu ao ensaio.

Fica dito como a virtude de Rosina veio a dar comsigo no theatro do Odéon. Como sahirá ella? Somos emfim chegados ao momento fatal em que se póde escrever sobre a brancura do marmore:

AQUI JAZ A VIRTUDE DE ROSINA.

XX

Vestal e Bacchante

Não contarei palavra a palavra como viveu Rosina emquanto esteve no Odéon.

Tinham-n'a escripturado pela garantia unica da sua figura. Deram-lhe cem francos por mez — durante o inverno, reservando-lhe o direito de morrer de fome no verão.

Cem francos por mez!

Pagaram-lhe um mez adeantado, e ella julgou-se rica durante uma hora.

Vestiu-se por sessenta francos, allugou casa por vinte, e ficou com outros vinte para comprar luvas e jantar em qualquer parte.

Foi immediatamente alojar-se no *hotel* de Edmundo La Roche, mas discreta, mysteriosa e silenciosamente.

Queria vel-o passar; esperava porém estreiar-se como actriz para lhe dizer: «Aqui estou.»

No Odéon havia adoptado um nome de comedia. Para o parisiense os baptismos são variados como as metamorphoses. Não queria que seu pae a reconhecesse. Demais d'isto o nome — *Rosina* — não ficaria bem no cartaz d'um theatro classico.

Dera rebate a sua entrada no Odéon. Antes da estreia, já a sua belleza andava apregoada por todos os theatros. Á noite, o ás vezes deserto *foyer* do Odéon enchia-se de burguezes aristocratisados e de aristocratas burguezes, que queriam saudar o astro nascente.

Emquanto rumorejavam gabos em derredor de Rosina, morria ella de fome. O ser bella e ter escriptura no Odéon dera-lhe certo credito no *hotel*, posta a condição de que não abuzaria. Dir-se-hia que tambem o ar a alimentava. Quando se tem dezoito annos não se chama a isto passar bem. Como quer que se familiarisasse com a miseria, resolveu-se a só abrir a bocca o preciso para não morrer de fome.

Certa noite, depois de ter representado — e bem — o papel em que se estreiou, como ingenua que o é até a respeito do seu proprio coração, deixou-se ir involuntariamente até á porta de Edmundo La Roche. Affigurava-se-lhe tão doce dizer a um unico homem «Todos me acham formosa, mas o meu coração é só teu» !

Talvez que Rosina, de commovida, se enganasse

no andar, talvez que nem mesmo soubesse onde ia. Baterá? Está branca como o marmore. Levantou a mão para puxar o pé de veado — porque o estudante, que era caçador, tinha este tropheu á porta para intimidar os credores. Todavia a pallida Rosina não chega a bater. Ouve rir e sente despedaçar-se-lhe o coração. Edmundo não a espera; outra mulher a precedeu.

E elle ri, com a que tem ao pé de si, sem se inquietar com a que chora á porta.

Rosina conheceu a voz da *Possessa*. Desceu precipitadamente. Vae esconder no leito o seu pudor, por momentos ameaçado pela paixão, e o remorso de haver exposto a sua virtude mil vezes vacillante e outras tantas preservada.

Cruza castamente os braços sobre o peito inflammado, e a si mesma se pergunta se não irá assim quando morrer, se não respirará uma vez na vida o olor voluptuoso das rozas e dos cachos no primeiro dia das vindimas.

Em toda a mulher, até nas mais de dentro resignadas á clausura do mosteiro, desperta, em certas horas, a bacchante, de espaldas nuas e cabellos ao vento, como para desafiar o crucifixo que ainda na vespera lhe afugentava as mais satanicas tentações.

XXI

A fada má

Toda a gente se admirava da vida obscura e retirada de Rosina.

Dizia ella que vivia com familia, o que até certo ponto a desculpava de sahir sempre com o mesmo vestido, e explicava o motivo de lhe não fazerem cerco ao *hotel* os adoradores.

Já lhe tinham offerecido, umas vezes por outras, para jantar do outro lado do Sena, um vestido ou uma joia, porque ás mulheres offerece-se sempre o surperfluo quando ellas não teem o necessario. É verdade que as mulheres só vivem do superfluo.

Rosina sabia como teria de retribuir jantares, vestidos e joias; acobertava-se com a sua virtude e morreria de fome heroicamente. Não poderia comtudo prolongar-se similhante vida.

Havia-se estreiado n'um ligeiro papel de camponeza, e estudára as ingenuas de Moliére, mas esperava-se, para fazer juizo completo, que representasse um papel que lhe era destinado n'uma comedia de George Sand. O ensaio d'esta comedia ia-se adiando de dia para dia. Certa manhã disse o emprezario a Rosina que a peça se daria brevemente, e que era tempo de cuidar nos seus vestidos. Eram-lhe precisos nada menos que trez. Rosina não prevera um contratempo d'esta ordem.

Onde havia d'arranjar seiscentos francos?

Offereceu-lhe o emprezario pagar-lhe um mez adiantado, mas o mais que faltava?

Desesperou de representar por falta de vestidos.

Uma noite, no *foyer*, contou as suas maguas.

Riram-se muito d'ella.

No dia seguinte, já ia escrever ao emprezario uma carta de despedida, quando uma mulher, que nunca vira, lhe entrou pela porta dentro e, á laia de prologo, espalhou sobre a pedra do fogão um punhado d'ouro.

E como Rosina ficasse boqui-aberta, disse-lhe a mulher:

— Minha querida, eu sou a fada boa. Isto é o que todos os dias chove da minha varinha. Sou eu que te hei de ensinar o caminho da terra promettida.

Imitando a Harpia, desenvolveu a diabolica eloquencia da tentação.

Rosina, a principio, revoltou-se. Mas tinha luctado

tanto, tinha soffrido tanto, e a miseria é tão má conselheira, que recolheu o ouro e disse á mulher com o sorriso do demonio:

— Vamos lá.

Deslumbrada pela criminosa embriaguez da louca opulencia em que ia viver, fechou a porta do quarto, sem lhe relancear um olhar de saudade.

Dirigiram-se á rua Grange-Batelière, a casa de M..., um dos que ella attrahira ao *foyer* do Odéon. Era certo que elle não a amava, mas teria o capricho de comprar a virtude de Rosina pelos seus rendimentos d'um anno.

— Vou deixal-a aqui, disse-lhe a mulher. Já sabe o que lhe cumpre fazer.

— Sei, respondeu Rosina empallidecendo.

— O snr. M... foi almoçar ao café Inglez; quando voltar, ficará encantado da gentil hospeda. Adeus, dê-me um abraço.

Rosina apresentou, com resignação, a fronte.

— Adeus; amanhã tornarei.

— Adeus, murmurou Rosina, contente por ficar só.

Começou a passeiar no quarto, com um poucochinho de curiosidade.

— Estou em minha casa, disse de si para si batendo com o pé n'um magnifico tapete de Smyrna.

Depois foi contemplando com surpreza as maravilhas do luxo parisiense que se estadeam em certas casas privilegiadas. Instinctivamente conheceu então que

ha duas mulheres em cada mulher, a que vive pelos olhos e a que vive pelo coração.

— Meu Deus! murmurou. Porque não terei eu só olhos, como tantas outras? Para que me será preciso o coração?

Quedou-se a pensar em Edmundo La Roche. E teria ella deixado de pensar um momento n'elle? Via-o sempre, tirando a *Possessa* para si, inclinando-se a segredar-lhe ao ouvido. Ia-se-lhe assim despedaçando o coração. Algumas vezes empallidecia subitamente e voltava a fronte; era quando mais a pungia a saudade d'Edmundo.

— Ah! disse ella tristemente, se fosse elle que apparecesse aqui de subito!

A si mesma perguntou se teria coragem de esperar o snr. M... Todavia rememorou a hedionda pobreza, que a expulsara da casa onde lhe apparecia em toda a parte — ao entrar a porta, ao pé do lar, e até no leito, e deixou-se cahir de chofre sobre um bonito canapé acolchoado de estofos da India. Logo depois ergueu-se e começou a correr febrilmente a mão pelos cortinados e reposteiros. Como que desejava aniquilar d'um jacto todo o esplendor d'aquella casa. Então recordou-se do seu quarto da rua das Lavadeiras, onde tivera frio e fome.

— A miseria, nunca! exclamou com extranha inflexão.

N'esse momento baixou o olhar a uma floreira de

Taban, uma obra-prima de páo rosa, com molduras d'ouro e prata, e estrellejada de perolas finas. Como esta floreira só tivesse violetas, o vel-a deu-lhe um bate ao coração. Cambaleante correu a mão pelas violetas, e cahiu de joelhos.

— Meu Deus! disse commovida a lagrimas, meu Deus, eu vos agradeço! Estas violetas foram um aviso.

Não esperou mais. Fugiu sem saber para onde iria, e como viera alli parar.

XXII

Sob o mesmo tecto

Quando Rosina entrou em casa, fugindo á recordação do que lhe acontecera momentos antes, imaginou que Edmundo La Roche seria áquella hora feliz, como se sentisse palpitar e fremir docemente em redor de si a alma do estudante.

O certo era que a alma d'elle não estava alli.

Edmundo La Roche, que dominava o coração de Rosina, devia de ter um papel importante em toda a sua vida.

Ella fôra mysteriosamente, já o sabemos, hospedar-se no mesmo *hotel,* sem lhe dizer nada a elle, entregue ao seu amor, receiosa de que alguma vez a surprehendesse a entrar ou a sahir.

Edmundo, que vivia absorto em aventuras, não a

presentira. Rosina, meio occulta pela cortina da janella, via-o passar na rua. Mais d'uma vez, á noite, o encontrára na escada, mas ella subia sempre com o véu descido. Que doloroso pungir de coração, quando o via de braço com a amante!

Então admirava-se de o amar tanto, e perguntava-se porque o amava.

Amava-o porque o amava. Todas as philosophias do mundo não poderiam resolver a questão d'outro modo.

XXIII

Aspiração para a arvore da sciencia

Na vespera da representação da comedia em que Rosina devia ser julgada, deram o seu papel a uma desenxabida actriz que tinha deslumbrantes vestidos.

Rosina, já adoentada, cahiu enferma, — e d'esta vez ou se salvava ou se perdia para sempre. Tinha nas faces o branco do marmore; os olhos tornáram-se mais profundos e o sorriso mais melancolico.

Esteve dois dias sem se queixar a ninguem. Ao terceiro, a filha da hospedeira apertou com ella para chamar um medico, que diagnosticou uma febre em periodo d'algidez, mas que não pôde formular conceito etyologico.

— Senhor doutor, por mais que faça, — disse ella ao medico — não me salva, porque eu não tenho coragem para viver.

— Vamos, filha, é uma batalha. Sejamos valentes até ao fim.

— Sim, doutor, é uma batalha, e eu cedo ao inimigo.

E sorria de encantadora tristeza. O medico quiz devassar o segredo da sua alma; Rosina porém nada confessou. Em conclusão, receitou-lhe uma tisana que não lhe podia fazer mal e que tambem não lhe impediria que soffresse.

O seu mal era o amor; a sua febre o ciume; a sua pallidez a fome.

A fome? É precisa uma explicação. Rosina comia, mas que comia ella? Pão, doces, maçãs, laranjas. Os restos do minguado banquete eram pitança para os passaros que vinham á sua janella. Os passaros roubam os ricos e só acceitam alimento da mão dos pobres.

Á noite, Rosina estava agitada; as mil vizões da febre escandeciam-lhe o cerebro. Levantou-se, vestiu-se mal, e subiu quatro a quatro, dementada, sem olhar para traz, ao quarto de Edmundo La Roche.

Julgava encontral-o só, mas, chegando á porta, ouviu um alegre quarteto — duas vozes d'homem e duas de mulher. Ceiavam dentro ruidosamente em convivio d'amores. Uma punhalada, vibrada ao coração, não n'a sentiria mais Rosina.

— Não sou do festim, disse ella com amargura. Não contou comigo o amor quando poz a mesa.

Quiz descer, mas a curiosidade chumbou-a á porta.

Escutou. Edmundo La Roche e a *Possessa* fallavam jubilosamente da peregrinação que na vespera haviam feito pelos bosques de Meudon para saudarem as primeiras folhas e colher os primeiros lilazes.

Havia então um sol que dava esperança aos corações que palpitavam d'amor; as hervagens estrellejavam-se de primaveras, a congossa espreitava pelos seus alegres olhos azues d'entre as moitas, o melro assobiava nas frondes desafiando o rouxinol, n'uma palavra, cada manhã dava á terra uma hora de paraiso.

— Ainda me cresce a agua na bocca, disse Edmundo.

— Preguiçoso! respondeu a *Possessa,* só me abraçaste vinte vezes!

— Ah! murmurou Rosina, se eu tivesse vivido hontem uma hora d'aquella vida no bosque de Meudon!

Estava exhaurida de forças; gritou involuntariamente e desfalleceu.

Edmundo abriu a porta, porque o grito de Rosina lhe atravessára o coração.

— Não é nada, disse elle; é uma mulher que se sentiu mal.

E ergueu Rosina, tirando-a para o quarto.

— Que é isso? perguntou a *Possessa.*

A outra mulher, que tinha bom coração, havia ajoelhado para desacolchetar o vestido de Rosina.

— Reparai, exclamou a *Possessa*, que veio desaninhar os passaros. Pobre rapariga! perdeu-se no caminho. É preciso escrever a Deus para que lhe mande guia. Não é assim, meu anjo?

Edmundo La Roche, que reconhecera Rosina, apertou a mão da amante e disse-lhe que se continuasse a ser injusta, se veria na necessidade de a mandar sahir.

— Comprehendo — objectou ella pondo o chapeu, é uma entrevista disfarçada. Não é uma mulher que se acha mal; é uma virtude que está doente...

Disse e sahiu, julgando que Edmundo a seguiria.

XXIV

Do perigo de se estar incommodado

Quando Rosina abriu os olhos, estava no leito de Edmundo La Roche.

— Onde estou eu? perguntou ella olhando desvairada.

— Em sua casa, respondeu o estudante.

Ella quiz atirar-se fora do leito mas reparou que estava meio nua.

— Aqui estou eu — disse sorrindo e occultando-se na coberta, por pudor, obrigada a não sahir da sua cama. Não dirão que entrei aqui de proposito?

— Dirá isso, quem a não conhecer.

— Ah! como sou feliz em o ver! Vou morrer, mas a hora da morte será para mim a hora do renascer.

— Morrer! Creança! Se tem desoito annos e eu a amo...

— Ama-me? Desde quando?

— Ha muito.

Os olhos d'um e d'outro encontraram-se em olhar eloquente.

— Ama-me? repetiu ella.

Queria Rosina que elle pronunciasse de novo essa palavra tão doce, até para os que não são amados.

— Se a amo! repetiu Edmundo.

— Oh! minta mais uma vez.

Edmundo pegou-lhe nas mãos e beijou-lhe os cabellos.

Ella era muito feliz para se julgar offendida. Parecia-lhe que a sua alma se consubstanciára na do estudante, e que viviam ambos a mesma vida.

Mas, após a embriaguez d'um momento, cahiu em si.

— Ah! meu Deus — e retirou as mãos furtando a fronte aos labios de Edmundo — parece que nos amavamos ha um seculo!

— Que importa, se nos amamos com o amor d'um seculo!

— Embora o não acredite, quero que me falle assim. Lembre-se de que nunca fui amada.

— Mas conte-me o romance da sua vida.

— Ámanhã. Agora todo o tempo me é preciso para ir embora.

— Esta noite ha de passal-a aqui.

— Não posso. Esperam-me.

Edmundo La Roche comprimiu a mão de Rosina com impeto de ciume.

— Se fôr embora, irei vigial-a.

— Móro muito longe.

— Não poderei viver sem a ter ao pé de mim.

— Eu voltarei. Agora peço-lhe que passe para o seu gabinete e que me deixe vestir.

Rosina tentava desprender as mãos e compôr os seus cabellos ondeados que serpejavam pelas alvas espaduas. Sentia-se reanimada. Carminavam-se-lhe as faces. Estava mais formosa que nunca.

— Não, replicou o estudante com resolução. Não se ha de dizer que veio aqui trez vezes e que eu não a cingi siquer nos meus braços. Obriga-me a fazer o papel de carcereiro.

— Seria o mesmo que matar-me de desespero. Se é certo que me ama, dê-me a liberdade de voltar ámanhã, depois d'ámanhã, todos os dias.

— Todos os dias, todos os dias, repetiu o estudante, que não sabia o que havia de dizer. Depois inclinou-me para Rosina, e os seus labios, rubros de chamma viva, fremiam sobre as faces e os olhos d'ella.

XXV

As duas mulheres

Abriu-se a porta. Era a *Possessa* que voltava enfuriada de ciumes.

Edmundo sahiu-lhe ao encontro como para conjurar a tempestade, mas ella repelliu-o e caminhou para o leito.

— Ah! Que agradavel encontro! Vê-se que sabe enxotar o gallo para trepar ao poleiro...

— Minha senhora, balbuciou Rosina, pallida e retranzida. A culpa não é sua nem minha.

— É decerto minha!

— Minha senhora, olhe que me sinto morrer.

Edmundo La Roche postou-se em frente da *Possessa* e disse:

— Angela, nem mais uma palavra!

E inclavinhou a mão d'ella na d'elle.

— Disseste-me que Rosina era uma virtude romana. Não acreditei. Hoje, porém, que a encontro na tua cama, não posso duvidar.

— Se me conhecesse, minha senhora...

— Conhecel-a? Deus me livre d'isso! Já conheço muita gente má. Uma mulher que vem á meia noite tomar d'assalto o meu leito! Mas o que não sabem é que vou chamar os visinhos para lhes dar o espectaculo d'esta virtuosa comedia!

Rosina não acrescentou mais palavra em sua defesa.

Edmundo La Roche havia cingido o corpo da *Possessa* e arrastava-a com violencia para a porta. A *Possessa* era, porém, robusta e tinha coragem para ripostar todos os golpes.

Na lucta, cahiu a lamparina. Rosina, já quasi erguida, readquiriu forças e adejou como ave encarcerada que surprehende uma janella aberta.

Quando se atirou acima do seu catre, tinha nas veias a frialdade do gelo.

— Ah! meu Deus! murmurou ella, comprimindo com a mão o coração desordenado. Conheço que me deito na sepultura...

XXVI

A ultima zombaria do destino

Rosina attentava o ouvido, retranzida, mas não ouvia nada. Com a noite cessou a lucta no quarto do estudante.

Suppoz que, aberta a porta, poderia ouvir o mais que se passasse, porque a do quarto de Edmundo ficára decerto aberta. Desceu do leito e correu a escutar ao umbral. As vozes de Edmundo e d'Angela — o leão e a leôa — chegaram-lhe aos ouvidos, mas como por encantamento serenadas. Não recuou, arriscou-se á escada e involuntariamente defrontou com a porta de Edmundo La Roche.

Tinham accendido luz, fechado a porta e... abraçavam-se.

— É impossivel! segredou-se Rosina.

Pelo que respeita ao amor, só o impossivel é possivel.

Abraçavam-se, era certo. Quando Edmundo La Roche — que era o mais desleixado e inconstante coração do bairro latino — deu tino de Rosina sahir, fosse porque não esperasse tornar a vel-a, ou porque receiasse desligar-se da *Possessa* ou ainda porque se recreasse nas alternativas que medeiam entre o ciume e o amor — apertou a mão da amante, — a mão que elle havia esmagado com a sua — com a mais cariciosa delicadeza d'este mundo.

Rosina ouviu :

— Visto que ella foi embora, saio tambem.

— Por ella sahir, é que deves ficar.

Gargalhåram ambos.

Foi a ultima punhalada. Rosina não se acobardou. Tornou a descer, — isto é, deixou-se resvalar. Entrou ao seu quarto, em ancias de morte, cobriu-se com um chaile e começou a escrever.

Parecia-lhe que só viveria mais um dia, e não queria morrer sem fazer o seu testamento.

— O seu testamento? perguntareis vós. É uma ironia, se ella morria de fome !

O testamento... do seu coração.

XXVII

Nossa Senhora de Pariz

Entreluzia a manhã quando Rosina sellou com uma lagrima o seu ultimo adeus.

Conchegou o chaile e poz o chapeu.

—É a ultima vez que me vejo! disse ella encarando-se no espelho do fogão. Parece-me vêr um cadaver!

Foi á rua das Lavadeiras e pediu a uma visinha que lhe chamasse a mãe ou a irmã.

Nem a mãe nem a irmã estavam em casa.

—Pois bem! disse Rosina a si mesma, nós nos veremos... lá.

E entrou á igreja de Notre-Dame para orar.

D'esta vez tinha comsigo dois soldos para comprar o direito de se ajoelhar deante d'uma cadeira.

Não ousou pedir a um padre que a ouvisse de confissão. Começou confessando-se baixinho a si mesma, como se fallasse a Deus.

— Senhor! exclamou ella erguendo o seu espirito ao ceu, perdoai-me na vida e na morte.

Ao sahir da igreja, deu a um pobre todo o dinheiro que levava.

No átrio encontrou uma das suas companheiras de theatro, *coquette* tresloucada, que ia ao caes das Flores e queria comprimentar Deus na passagem.

— Faço hoje annos, disse-lhe a conhecida. Quero ver flores, porque o Odéon não abunda em galanterias. Mas já que passo pela igreja, sempre vou entrar um instante. Ninguem vendo-nos aqui diria que somos duas actrizes.

—Eu d'actriz tenho pouco, respondeu Rosina.

— Cala-te. As ingenuas sempre souberam tralhas e malhas. Promettem-nos uma comedia que terá por titulo *Argucias d'uma ingenua*.

— Eu é que não a hei-de representar.

— Adeus, querida. Estou a perder o tempo que havia de dar a Deus. Não sejas tão triste. Vaes ao ensaio?

— Não; respondeu Rosina apertando-lhe a mão. Eu sei o meu papel.

XXVIII

A ultima entrevista

N'esse dia almoçou-se alegremente, segundo o costume, em casa de Edmundo La Roche, dois a dois, como os versos alexandrinos, que se emparelham pela rima.

Quando acabaram, cerca das duas horas, trouxeram uma carta ao estudante.

— Uma carta tarjada? exclamou elle.

— É o mesmo, disse a visinha, sempre é uma carta d'amor, porque é de mulher. Olhem para a letra...

Um estudante de medicina, que tinha bebido de mais, e que começava a vêr tudo em duplicado, abriu descerimoniosamente a carta, e declarou que a ia lêr em voz alta á respeitavel assemblea.

— Prohibo-te que a abras! apostrophou Edmundo La Roche.

Todavia as mulheres tomaram o partido do ousado leitor

—Ha de ler! concláram enredando Edmundo com os braços.

—Será uma lição d'estylo! ponderou uma.

—Dize antes lição de virtude! exclamou outra. Bem sabem que este Edmundo é um homem de sentimentos inverosimeis.

O estudante de medicina trepou a uma cadeira; pediu silencio e desdobrou a carta com gravidade.

—Tambores de Cupido, tocai a marchar! exclamou imitando o rufo do tambor.

E leu em voz alta, indicando os erros d'orthographia: [1] «Se tenho a coragem de lhe escrever é para lhe dizer adeus. Desejava ir procural-o, mas o que lhe quero dizer só a si o revelarei, e já o teria feito se não houvesse encontrado a mulher que me impediu de fallar. Quando me lembro que nós moramos porta com porta, e que estamos tão longe um do outro! Vinte degraus me separam da felicidade. Não quero revelar alto o meu segredo. Amo-o... tenho-o amado sempre. Se soubesse que a minha memoria lhe era cara, morreria feliz. O meu pobre coração queria vi-

(1) O traductor, para menos enfado de quem lêr, eliminou os erros orthographicos que no original mosqueavam a carta da pobre rapariga.

Que Arsenio Houssaye nos perdõe, por deferencia ao leitor e a Rosina.

ver, e queria tão pouco! bater um instante conchegado ao seu, e morrer. Fui muito desgraçada, amava-o, e o senhor amava todas as mulheres. É o mesmo, agradeço a Deus tel-o encontrado. Se me não esqueceu completamente, se ainda se lembra do meu nome, venha vêr-me. Moramos na mesma casa, sim, no mesmo *hotel*, eu no quarto n.º 13, e o senhor no n.º 17! Encontrei-o muitas vezes; o senhor não me viu, porque não ia só. Espero-o até á noite. Amanhã seria já tarde e eu haveria partido sem lhe dizer o derradeiro adeus.

Por todo o amor que lhe tenho, peço-lhe que me traga violetas. Bem sabe que foram essas queridas flores que um dia o demoraram na ponte de Change.»

Rosina.»

A leitura d'esta carta foi entrecortada de chascos e gargalhadas. Edmundo La Roche zombava e ria como os outros, não sabendo quem era que lhe enviava aquelle adeus. Mas de repente, quando se lembrou de Rosina, desembaraçou-se violentamente das trez mulheres, precipitou-se enfurecido sobre o estudante de medicina e arrebatou-lhe a carta com mão convulsa.

— Rosina! Rosina! exclamou levando a mão ao coração.

E desceu vertiginosamente a escada, sem ter tempo de procurar o chapeu.

A chave do n.º 13 não estava na porta.

Bateu, tornou a bater, arrancou a campainha e ninguem lhe respondeu.

Desceu outra vez.

— A menina Rosina? perguntou ao porteiro.

— O senhor sabe onde é, responderam-lhe. No terceiro andar, a primeira porta á direita. Mas, se estou bem lembrado, disse-me que lhe entregasse a chave se o senhor a pedisse.

Edmundo La Roche recebeu a chave e subiu d'um folego. O coração batia-lhe desordenadamente, quando abria a porta.

Entrava pelas janellas uma tenue claridade. Rosina estava deitada no catre protegido por um crucifixo d'ebano. Parecia occultar o rosto entre as mãos.

— Rosina, está a chorar! disse Edmundo correndo docemente para ella.

Rosina não o ouviu.

Elle ajoelhou á beira do catre e apertou-lhe a mão.

— Meu Deus! exclamou retranzido.

Levantou-a nos braços e fitou-a com olhar desvairado.

— Rosina! Rosina! É impossivel! Responda-me.

Rosina não respondeu.

Ao mesmo tempo estrondeou na escada celeuma de gritos e risadas.

Eram os convivas de Edmundo que lhe vinham no encalço para assistir á entrevista.

Elle quiz sahir-lhes ao encontro e precipital-os pela

escada abaixo; mas, alquebrado pela dor, não teve alento para dar um passo. Todavia ergueu de novo Rosina sem querer deixar cahir aquella fronte desmaiada pela morte sobre o travesseiro em que repousava.

O estudante de medicina, n'aquelle lance, empallideceu e recuperou toda a lucidez do seu espirito pouco antes escurentado pela ebriedade.

— Pobre repariga! exclamou aproximando-se respeitoso do catre.

As tres mulheres emmudeceram, igualmente commovidas.

Edmundo La Roche não articulava palavra, e não desfitava os olhos do cadaver.

— Que foi? perguntou uma das mulheres.

— Foi, respondeu o estudante de medicina depois de haver examinado o cadaver, que esta bonita rapariga se envenenou.

XXIX

O testamento de Rosina

Soube-se que Rosina tinha passado a noite a chorar e a escrever cartas. Escreveu primeiro a Edmundo oito paginas completas, contando-lhe a sua vida, no estylo dilacerante dos que soffrem e dizem a verdade.

Depois de reler esta carta, impoz de certo silencio ao coração, porque Edmundo La Roche encontrou as oito paginas rasgadas sobre o fogão.

Os fragmentos diziam :

«Amei-o muito. Eu era uma pobre rapariga que queria morrer amando um unico homem.

. . . .

Se soubesse o que soffri! Eu sempre a procurar o bem, e o mal a perseguir-me por toda a parte!

. . . .

Morro com um doloroso prazer. Parece-me que me envolvo n'uma mortalha de neve, porque é toda branca ; não ha ahi tristeza mais dôce.

. . . .

Não tem de que se orgulhar, porque eu morro pura. Sua irmã e a sua amante salvaram-me. Não se acreditará que morro sem delinquir, porque pertenci ao theatro, mas o senhor ao menos não duvidará.

. . . .

Como que sonhei a escrever. Seria somno? ou seria a morte já? A morte tambem deve ter os seus sonhos.

Vou dizer-lhe o que vi. Estavamos sós, o senhor e eu. O senhor era eu; eu era o senhor. Tinham-nos aberto a porta do paraiso. Ah! como era bonito! Eu, que só tinha visto as paizagens da barreira de Saint-Jacques e do Odéon, estava encantada de tanta luz e tantas rosas! E que lindas fontes de marmore! e que formosas arvores cheias de flôres, de pomos e de passaros azues e vermelhos! De repente o senhor abraçou-me, abriram outra porta, e eu acordei no inferno.

. . . .

É o mesmo. Desafio uma pobre rapariga, sendo bonita, a dar um passo em Paris, sem se perder. Se quizer ser casta, morrerá de fome.

. . . .

Não me lamento. Se morro, é porque penso como o poeta: «É mais dôce caír nos braços da morte quando se abre a porta do céu, do que caír nos braços do amor quando se abre a porta do inferno.»

Amando-o aprendi a ser virtuosa; o senhor defendeu-me de mim propria.

Ah! se me tivesse amado como eu o amei!

. . . .

Não me chore. Abrace sua irmã e um dia, quando contar as suas aventuras, diga que a mulher que mais o amou, morreu por si.»

. . . .

As cartas de Rosina o pae, á mãe, e á irmã mais nova estavam sobre a mesa; modelos d'estylo, sem orthographia.

Pela manhã, depois de recolher de Notre-Dame, desceu Rosina a pedir ao porteiro que ao meio dia fosse entregar aquella carta a Edmundo La Roche.

Em seguida, pretextando uma violenta dôr de dentes — ella, que só tinha perolas na bocca! — obteve chloroformio em trez pharmacias visinhas.

Voltou ao *hotel* e tornou a descer para dar a chave ao porteiro, recommendando-lhe que a entregasse a Edmundo La Roche, que decerto a pediria durante o dia.

Isto era o que se sabia.

— Será possivel que tanta belleza e tanto amor

vão para a terra! exclamava Edmundo quasi louco.

Rosina nunca parecera tão bonita e tão meiga. A morte havia-lhe derramado na fronte essa como expressão divina que é o derradeiro clarão da alma.

XXX

O ramo d'um soldo

Edmundo La Roche esteve ao pé de Rosina todo o dia e toda a noite. O estudante de medicina fez-lhe companhia.

A *Possessa* quiz entrar ao quarto, que escondera tanta dor e tanta virtude,—eu queria dizer tanto amor; mas Edmundo repelliu-a com justa cólera.

No dia seguinte pela manhã, a filha da hospedeira amortalhou o cadaver.

Edmundo La Roche descobriu a cabeça de Rosina, desatou-lhe os longos cabellos e deixou-os cahir castamente sobre a mortalha.

Antes que fechassem o caixão, desceu á rua e foi á porta do Luxemburgo comprar um ramo de viole-

tas por um soldo, igual ao que Rosina tinha tido no seio.

Voltou ao *hotel* e depositou piedosamente as violetas na mão do cadaver.

PARA O LOGAR DAS ERRATAS

(CARTA AO EDITOR)

Meu caro Ernesto Chardron:

Quando me commetteu a tarefa de trasladar-lhe um romance de Arsenio Houssaye ao bom ou mau portuguez em que uso escrever, inferior ao portuguez de toda a gente exceptuando o do snr. Joaquim de Vasconcellos, esqueceu-me dizer-lhe que a unica coisa que eu não podia pôr á sua disposição era orthographia, porque ninguem a tem em Portugal e muito menos eu. Não havendo ainda leis fixas — admira, porque as ha para tudo! — que regulem para os que se sentam no canapé do snr. D. João VI a representação graphica do pensamento, affigura-se-me que tambem não podem haver erros d'orthographia; onde não ha lei, como ha de haver infracção?

Dispense-me portanto de apontar erratas; que reine o mistiforio, até que algum dos tres maiores sabios do Porto escreva um glossario. Então sim! Que um diga faça-se a luz e a luz será feita.

Um amigo meu, que não adopta systema nenhum em nenhuma coisa, foi encarregado, durante a minha ausencia, de rever as primeiras folhas d'esta traducçãs.

A pag. 77, por exemplo, escrevi eu — rumas de livros —; elle deixou passar — rimas de livros. —

Qual de nós errou, elle ou eu? Que o decidam os sapientissimos sujeitos, que o Chardron conhece e eu tambem.

Porto, 1 de outubro de 1872.

De v. etc.,

Alberto Pimentel.

CATALOGO

ANTHERO DE QUENTAL

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILOSOPHIA
DA
HISTORIA LITTERARIA
PORTUGUEZA

(A PROPOSITO D'ALGUNS LIVROS RECENTES)

1 vol. . . . . 200 reis

MEMORIAS
DE UM CAIXEIRO
OU
UM DRAMA DA VIDA COMMERCIAL

TRADUCÇÃO DE GOMES DE SOUSA

1 vol. . . . . . . 600 reis

JULIA DE TRÉCŒUR
POR
OCTAVE FEUILLET

TRADUCÇÃO DE GASPAR BORGES DE AVELLAR

1 vol. 300

DE ERNESTO CHARDRON

O FERREIRO
DA
ABBADIA DA CORTE DE DEUS

TRADUCÇÃO DE GOMES DE SOUZA

2 vol . . . . 1$000 reis

PONSON DU TERRAIL

MEMORIAS
D'UMA VIUVA

TRADUCÇÃO DE J. G. DA F. GUIMARÃES

2 vol. in-8.º . . . . 1$000

ALBERTO PIMENTEL

NERVOSOS LYMPHATICOS E SANGUINEOS

1 vol. . . . . 300 reis